

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

LETÍCIA GUIMARÃES BRAZ

**PROJETO VIVER BEM A IDADE QUE SE TEM: UM REDIMENSIONAMENTO DO
TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC DE FLORIANÓPOLIS NA
PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL**

**FLORIANÓPOLIS
2008/1**

LETÍCIA GUIMARÃES BRAZ

**PROJETO VIVER BEM A IDADE QUE SE TEM: UM REDIMENSIONAMENTO DO
TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC DE FLORIANÓPOLIS NA
PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^ª Ms. Naldir da Silva Alexandre.

**FLORIANÓPOLIS
2008/1**

LETÍCIA GUIMARÃES BRAZ

**PROJETO VIVER BEM A IDADE QUE SE TEM: UM REDIMENSIONAMENTO DO
TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC DE FLORIANÓPOLIS NA
PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel no Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço
Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina.**

BANCA EXAMINADORA

**Prof^ª Ms. Naldir da Silva Alexandre
Departamento de Serviço Social - UFSC
Orientadora**

**Prof^ª Ms. Iliane Kohler
Departamento de Serviço Social - UFSC
Primeira Examinadora**

**Ms. Simone Machado
Assistente Social
Segunda Examinadora**

Florianópolis, agosto de 2008.

*Dedico este trabalho aos meus pais Nicanor e
Silvia que tanto amo e a minha irmã Fernanda
minha grande e eterna amiga.*

AGRADECIMENTOS

A essa força misteriosa que rege o Universo.

Aos meus pais Nicanor e Silvia, pelo amor, carinho, dedicação, companheirismo, força e por serem essa base tão sólida em minha vida, tudo que existe de bom em mim eu devo a vocês! Vocês são tudo para mim, meu amor é infinito!

A minha irmã e companheira Fernanda, por todos os momentos que compartilhamos, pela força, coragem, pelas confidências e o imenso amor que sempre nos uniu. Te amo!

A minha querida Vó Tetê, por sempre me desejar e ensinar coisas tão boas que me fortalecem para eu continuar minha caminhada. Companheira forte de todas as horas. Amo você!

A minha bisavó Aglaes e meus avós paternos Zezé e Benedito, que não se encontram mais neste plano astral, porém, me deixaram um amor que jamais esquecerei, sei que da onde eles estão me transmitem vibrações positivas. Amor eterno!

Aos meus familiares, que sempre me passaram muita força e em todos os momentos acreditaram em mim.

Ao meu primo Gustavo, por ter contribuído com seus ensinamentos na difícil fase do vestibular.

Ao Anderson, pela força, carinho, paciência e compreensão nesse período tão desgastante da minha vida.

Ao Lu, companheiro de luta, exemplo de ética!

A minha orientadora Naldir, por sua dedicação, atenção, amizade, ensinamentos e apoio nas horas mais difíceis. Com certeza, uma profissional comprometida com o Projeto Ético Político da profissão.

A Carmem e Arlei, mais que supervisoras de campo, amigas que guardarei para sempre. Obrigada pelos ensinamentos compartilhados e confiança depositada em mim. Vocês são exemplos, no qual quero me espelhar no exercício de minha profissão.

A Mayara e Nidia, pela amizade e companheirismo, foi muito importante dividir a experiência de estágio com vocês, acredito que nossa amizade será para sempre!

Ao SESC pela oportunidade de estágio e a todos os idosos que tanto me engrandeceram com suas experiências, não apenas profissionalmente, mas em minha vida como um todo.

Aos colegas de Curso de Serviço Social, em especial, Manu, Nínive, Tati, Karina, Pri, Maicon, Andréia, Monique, Fé Matte e Yuri, foi muito importante os momentos que partilhamos juntos, nossa amizade será eterna.

A todos, o meu Muito Obrigada!

“Para que discutir com os homens que não se rendem às verdades mais evidentes? Não são homens, são pedras”.

Voltaire

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso nos propomos descrever, analisar e refletir sobre o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC de Florianópolis, evidenciando o papel do Serviço Social frente esta mudança no processo de trabalho. Inicialmente foi realizado um resgate histórico institucional do SESC, pontuando as ações desenvolvidas e as transformações ocorridas nesta instituição ao longo de sua existência. A seguir, apresenta-se o trabalho, em âmbito nacional, que o SESC desenvolve, há 45 anos, no campo do envelhecimento, assim como, faz-se um resgate do trabalho com idosos desenvolvido no SESC Unidade de Florianópolis. Também serão abordadas as políticas sociais de atenção ao idoso, existentes no Brasil. Na seqüência, apresenta-se como aconteceu, na íntegra, o processo de mudança do Trabalho Social com Idosos do SESC de Florianópolis, evidenciando os motivos que levaram a esta transformação e a importância do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, na concretização de uma nova metodologia de trabalho empregue nos grupos de convivência da referida Unidade. Trabalha-se, ainda, o papel interventivo do Serviço Social frente a este respectivo projeto e às mudanças trazidas por ele.

Palavras Chave: redimensionamento, SESC, Trabalho Social com Idosos, Serviço Social, envelhecimento, políticas sociais, Projeto Viver Bem a Idade que se Tem.

LISTA DE SIGLAS

ANG	Associação Nacional de Gerontologia
ARS	Administrações Regionais
ASCT	Assistente Social Coordenadora do Trabalho
CAF	Centro de Atividades de Florianópolis
CF	Conselho Fiscal
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CN	Conselho Nacional
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CONCLAP	Conferência Nacional das Classes Produtoras
CR	Conselho Regional
DN	Departamento Nacional
DR	Departamento Regional
EUA	Estados Unidos da América
GRUPATI	Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade
IAPC	Instituto de Aposentadoria e Pensão do Comerciairos
IAPs	Institutos de Aposentadoria e Pensões
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
NA	Administração Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PLANESC	Plano Nacional de Ação do SESC
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC	Serviço Social do Comércio
UNIMOS	Unidades Móveis de Orientação Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO: DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE.....	14
1.1 Resgate historio institucional.....	14
1.1.1 Reordenamento das ações institucionais.....	19
1.2 SESC em Santa Catarina.....	25
2. TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC: UMA AÇÃO PIONEIRA NO BRASIL.....	28
2.1 Trabalho Social com Idosos do SESC: como tudo começou.....	28
2.2 O aumento da expectativa de vida no Brasil e as respostas do SESC frente esta demanda.....	33
2.3 Políticas de atenção ao envelhecimento no Brasil x contribuição do SESC.....	41
2.4 Trajetória do Trabalho Social com Idosos do SESC Unidade de Florianópolis....	46
2.4.1 Programa da Terceira Idade no SESC/Florianópolis.....	50
3. O REDIMENSIONAMENTO DO TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC/FLORIANÓPOLIS.....	52
3.1 Por que mudar?.....	52
3.2 Projeto Viver Bem a Idade que se Tem: um caminho para a mudança.....	56
3.3 Enfim, o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis.....	63
3.3.1 Apresentação da nova proposta de trabalho aos idosos participantes dos grupos de convivência do SESC/Florianópolis.....	70
3.4 A intervenção do Serviço Social frente ao processo de mudança no Trabalho Social com Idosos.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	92
ANEXO.....	98

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, “**PROJETO VIVER BEM A IDADE QUE SE TEM: UM REDIMENSIONAMENTO DO TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC DE FLORIANÓPOLIS NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL**” é resultado das experiências vivenciadas no decorrer do estágio curricular obrigatório e não obrigatório, do curso de Serviço Social, realizado no Serviço Social do Comércio – SESC/Florianópolis, junto ao Programa Terceira Idade, Trabalho Social com Idosos, o que permitiu vivenciar as especificidades da realidade dos grupos de idosos da referida instituição.

Durante esse período de estágio, observou-se: a dinâmica do trabalho realizado com os grupos até 2007; a implantação, em julho deste mesmo ano, do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, que por meio de atividades diferenciadas, proporciona entretenimento, conhecimento, aprendizado e a valorização de potencialidades dos idosos, envolvendo a atuação direta dos demais campos de ação do SESC; e, por fim, a necessidade em 2008 de uma revitalização no Trabalho Social com Idosos, o que possibilitou a dinamização dos encontros grupais através da intensificação da proposta do referido projeto.

O Trabalho Social com Idosos iniciou no SESC no ano de 1963 na unidade do SESC Carmo em São Paulo, sendo o SESC pioneiro absoluto no Brasil e na América Latina com essa perspectiva de organizar um trabalho dirigido a esse público em específico, num momento especial, onde ainda não existia uma preocupação com este segmento populacional. Dessa forma, o SESC passa a desenvolver em âmbito nacional o trabalho com idosos e em 1978 esse trabalho é iniciado no SESC Unidade de Florianópolis.

Em virtude do aumento da expectativa de vida no Brasil, o SESC em Santa Catarina, no ano de 1999, reformula suas ações no campo do envelhecimento e lança o Programa da Terceira Idade, que foi desenvolvido no SESC/Florianópolis até o ano de 2007.

Tendo como objetivo a otimização no trabalho com os idosos do SESC de Florianópolis, propôs-se em 2007 a criação do Projeto “Viver Bem a Idade que se Tem”,

marcando o início da trajetória em direção a mudança no processo de trabalho até então desenvolvido.

No ano de 2008 a proposta do referido projeto foi intensificada, em virtude de demandas apresentadas nas avaliações realizadas junto aos idosos participantes dos grupos, na qual estes demonstraram o desejo de atividades diferenciadas que possibilitassem um encontro grupal mais dinâmico.

Diante disso, os grupos de convivência tiveram seus encontros otimizados, através de um trabalho intensificado em parceria com diferentes áreas de atuação do SESC. Com isso, um trabalho predominantemente caracterizado pela convivência, foi substituído por uma ação propositiva de educação social, levando os idosos a um estado mais consciente e emancipado.

Assim, a partir do acompanhamento deste momento de transição do processo de trabalho, identificou-se a necessidade de se levantar algumas questões de incontestável relevância para a compreensão do redimensionamento do Trabalho Social com os Idosos do SESC, tais como: por que a necessidade de mudanças no trabalho com idosos na Unidade de Florianópolis; quais os pontos que diferenciam a nova proposta de trabalho da anterior realizada; qual o papel do Serviço Social do SESC no que se refere a este processo de mudança; e, quais as possibilidades e alternativas de intervenção do profissional desta área, frente às novas demandas decorrentes desta mudança na metodologia de trabalho.

Para obtenção destas respostas, optou-se pela realização de uma pesquisa descritiva-exploratória. Segundo Gil (1995), a pesquisa exploratória é desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, a cerca de um fato; já a explicativa tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno.

A análise desenvolveu-se a partir de pesquisa bibliográfica e documental, sendo utilizados materiais bibliográficos sobre processo de envelhecimento; Serviço Social nos processos organizacionais; indicadores de situação, da ação profissional e seus resultados; gestão e avaliação de programas e projetos; bem como artigos e periódicos destinados à discussão desta temática. Destaca-se, também, a utilização da Política Nacional do Idoso, Estatuto do Idoso,

além, é claro, de documentos institucionais pertinentes ao Trabalho Social com Idosos do SESC – Unidade Florianópolis e de Trabalhos de Conclusão de Curso realizados na instituição.

Para auxiliar na coleta de dados, utilizou-se, também, uma entrevista¹ realizada com a Assistente Social coordenadora do Setor de Grupos, setor este responsável pela gestão do trabalho com idosos da Unidade do SESC/Florianópolis.

Cabe ressaltar que a atuação desta profissional no SESC de Florianópolis iniciou no ano de 2002, sendo que em anos anteriores ela já havia sido estagiária da Unidade. Depois de formada foi atuar no SESC de Joinville, sendo transferida para Florianópolis dois anos depois.

Quanto à entrevista, esta teve como foco principal a questão norteadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, que é: compreender o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos no SESC de Florianópolis, evidenciando o porquê da mudança; a importância do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem; e o papel do Serviço Social frente a esta modificação no processo de trabalho.

Portanto, buscando melhor estruturar o desenvolvimento deste trabalho, este foi organizado em três seções. Na primeira seção: *Serviço Social do Comércio: do princípio a atualidade* realizaremos um resgate histórico institucional, pontuando o trabalho desenvolvido e as transformações ocorridas nesta instituição ao longo dos anos em decorrência de questões políticas, econômicas e sociais. Além disso, destacaremos a implantação do SESC em Santa Catarina, dando ênfase a cidade de Florianópolis.

Na segunda seção: *Trabalho Social com Idosos do SESC: uma ação pioneira no Brasil* apresentaremos o trabalho gerontológico que esta instituição desenvolve há 45 anos, elencando suas ações no campo do envelhecimento em âmbito nacional, fazendo um recorte deste trabalho do SESC na Unidade de Florianópolis, especificamente. Discutiremos, ainda, as políticas sociais de atenção à pessoa idosa existentes no Brasil, salientando os direitos sociais dos idosos.

¹ A entrevista na íntegra constará como anexo no final deste trabalho.

Já na terceira seção: *O redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis* descreveremos como se deu, na íntegra, o processo de mudança do Trabalho Social com Idosos do SESC de Florianópolis, expondo os motivos que levaram a este redimensionamento. Em seguida, faz-se uma exposição do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, abordando sua importância na concretização de uma nova metodologia de trabalho empregue nos grupos de convivência da referida unidade. Na sequência, analisaremos como a mudança está acontecendo, traçando um paralelo entre a nova proposta de trabalho e a anterior realizada. Abordaremos, ainda, o papel interventivo do Serviço Social frente ao Projeto Viver Bem e as mudanças trazidas por ele.

SEÇÃO I

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO: DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE

O objetivo desta seção é fazer um resgate histórico institucional do SESC desde sua criação até o contexto atual, evidenciando sua missão e objetivos. Aborda-se ainda, a implantação desta instituição no Estado de Santa Catarina e a estrutura organizacional desta entidade na Unidade de Florianópolis.

1.1 Resgate histórico institucional

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1945², o mundo se reorganizava e abria espaço para a instalação de uma nova ordem internacional. Governos e economias se ajustavam, buscando a paz, o desenvolvimento econômico, a justiça social e a solidariedade entre os povos. Com o mundo dividido em dois blocos³, o capitalista e o socialista, os países cada vez mais se deixavam interpenetrar economicamente, provocando mudanças nas relações de produção e alterações nas próprias classes sociais.

No Brasil, vivia-se o Estado Novo⁴, que se encontrava em evidente descompasso com a nova realidade do mundo. A política do governo Vargas não conseguia atender as demandas sociais existentes, como: falta de moradia, de serviços de saúde, de saneamento básico nas cidades, o que conduzia à precárias condições de sobrevivência da população.

² Em maio de 1945 o governo alemão rendeu-se pondo fim à guerra na Europa. Todavia, a rendição alemã não significou o fim das hostilidades, visto que no Pacífico a luta entre japoneses e norte-americanos prosseguia. A Segunda Guerra Mundial teve seu fim anunciado em 2 de setembro de 1945, com a assinatura da ata de rendição incondicional do Japão, isso após o lançamento, pelos Estados Unidos, de duas bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

³ Defendendo posições ideológicas antagônicas, as duas grandes potências – Estados Unidos e União Soviética – vencedoras da Segunda Guerra Mundial deram início à chamada Guerra Fria, período em que o liberalismo e socialismo procuravam impor sua hegemonia em escala mundial.

⁴ Regime autoritário de inspiração fascista, implantado pelo presidente Getúlio Vargas em 1937.

De acordo com Brandão (1997, p. 9), “as precárias condições de vida dos trabalhadores, constituindo um obstáculo à paz social e ao próprio desenvolvimento, exigiam uma tomada decisiva de posição por parte do governo e das classes trabalhadoras”.

Diante esta conjuntura política e social, líderes do comércio, da indústria e da agricultura do Brasil reuniram-se em Teresópolis, no Rio de Janeiro, antes mesmo do término da segunda guerra mundial, durante o período de 1 a 6 de maio, para a realização da I Conferência Nacional das Classes Produtoras – I CONCLAP, com o objetivo de:

[...] encontrar um caminho para a justiça social, harmonizando e pacificando o capital e o trabalho, discutindo problemas como o salário real dos operários, a qualidade de vida, a inflação, o aumento da renda nacional, a miséria e o desenvolvimento das forças econômicas. Significava o princípio da formação de uma consciência empresarial. Tinha chegado o momento em que os empresários precisavam modificar a relação com o empregado, em assuntos essenciais como o salário e as condições de vida (BRANDÃO, 1997, p. 10).

Fruto da I CONCLAP, a Carta Econômica de Teresópolis – Carta da Paz Social – um documento que refletia o pensamento do empresariado nacional à época, trazia o conceito inédito de serviços sociais custeados pelas classes patronais. Segundo Brandão (1997), tratava-se de um pensamento novo e revolucionário. Havia ousadia e originalidade na proposta, pois um fato inédito acontecia, o empresariado propunha tomar em suas mãos uma parcela da assistência social.

Destarte, compreende-se que as recomendações da Carta da Paz Social não se limitaram ao domínio econômico, outro tema amplamente debatido pelos empresários foi a chamada *questão social*⁵. Preocupados com a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, os congressistas propunham eliminar a pobreza por meio da ação conjunta do Estado e da iniciativa

⁵ A chamada *questão social* constituiu-se em torno das grandes transformações econômicas, sociais e políticas, ocorridas na Europa do século XIX e desencadeadas pelo processo de industrialização. Essa questão assentou-se, basicamente, na tomada de consciência, por parte de crescentes parcelas da sociedade, de um conjunto de novos problemas, vinculados às modernas condições de trabalho, e do pauperismo como um fenômeno socialmente produzido (PEREIRA, 1999, p. 51). Ainda segundo Pereira, o conceito questão social sempre expressou a relação dialética entre estrutura e ação, na qual sujeitos estrategicamente situados assumiram papéis políticos fundamentais na transformação de necessidades sociais em questões – com vista a incorporá-las na agenda pública e nas arenas decisórias (PEREIRA, 2001, p. 51).

privada. A justiça social seria alcançada mediante o fim das tensões e incompreensões entre empregadores e empregados, a troca recíproca de responsabilidades e uma melhor distribuição de renda. Diante da ameaça do conflito de classes, o que se pretendia, era estimular a cooperação entre trabalho e capital, conciliando interesses e amenizando tensões (LAMARÃO; ARAÚJO,1994).

Cerca de quatro meses após a realização da I CONCLAP, foi criada a Confederação Nacional do Comércio – CNC – associação sindical patronal de âmbito nacional. A CNC foi fundada no Rio de Janeiro em setembro de 1945, e reconhecida pelo Decreto nº 20.068, de 30 de novembro de 1945.

Em outubro de 1945, em meio ao processo de redemocratização do país, Vargas foi afastado do poder pelos militares e eleições gerais conduziram o general Eurico Gaspar Dutra à presidência. Ele convocou uma constituinte e o país se redemocratizou.

Neste momento, o debate sobre os rumos do desenvolvimento econômico levava em consideração três elementos básicos: o avanço da industrialização, a urbanização acelerada e o sensível crescimento demográfico.

Uma questão central na discussão era a definição do papel a ser reservado à iniciativa privada, nacional e estrangeira, e à iniciativa estatal no quadro de transformações estruturais que deveriam ser introduzidas no sistema produtivo do país. Ciente da sua importância na condução do processo de desenvolvimento, o empresariado brasileiro pronunciou-se contra a interferência direta do Estado na economia, confiando-lhe a tarefa de agente regulador das atividades produtivas. Em resumo, o Estado autoritário, centralizado e intervencionista da era Vargas deveria ser substituído por um Estado liberal, preocupado com a manutenção da paz social e a garantia da estabilidade econômica (LAMARÃO; ARAÚJO, 1994).

Em dezembro de 1945, três meses após a fundação da CNC, João Daudt d'Oliveira⁶ elegeu-se presidente da respectiva confederação e na cerimônia de posse, em janeiro de 1946,

⁶ João Daudt d' Oliveira era o então presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro - ACRJ e da Federação das Associações Comerciais do Brasil – FACB.

Daudt leu a Carta da Paz Social, sendo um dos seus trechos:

Os empregadores e empregados que se dedicam, no Brasil, aos vários ramos de atividade econômica reconhecem que uma sólida paz social, fundada na ordem econômica, há de resultar precipuamente de uma obra educativa, através da qual se consiga fraternizar os homens fortalecendo neles os sentimentos de solidariedade e confiança. Para apressar um tal resultado, e como medida preliminar, reconhecem a necessidade de assegurar dentro do país um largo período de cooperação para que se possa processar o desenvolvimento de suas forças produtivas e a elevação do padrão de vida do brasileiro; para isso é indispensável promover o aumento da renda nacional e sua melhor e vasta distribuição, com o melhor aproveitamento dos recursos do país. (CARTA DA PAZ SOCIAL, 1971 apud BRANDÃO, 1997).

Meses mais tarde, a CNC foi encarregada de criar e organizar o Serviço Social do Comércio - SESC, tendo como objetivos “planejar e executar direta e indiretamente medidas que contribuíssem para o bem-estar e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias e aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade” (SESC apud BRANDÃO, 1997, p. 11). E para cumprir com esses objetivos deveria levar em conta, sobretudo, a assistência em relação aos problemas de âmbito doméstico (nutrição, habitação, vestuário, saúde, educação e transporte), a defesa do salário real dos comerciários, o incentivo a atividade produtiva, a promoção de práticas educativas e culturais, visando à valorização do homem, e de pesquisas econômicas e sociais.

Em 13 de setembro de 1946, o então presidente do Brasil Eurico Gaspar Dutra expediu o diploma legal da Entidade pelo Decreto-Lei nº 9.853. Surgiu assim, o SESC.

O SESC é classificado como uma Instituição Pública de Direito Privado. Não depende jurídica nem administrativamente das esferas Federal, Estatal e Municipal. É uma instituição mantida por contribuição mensal dos estabelecimentos comerciais (empresários do comércio de bens e serviços) enquadrados nas entidades sindicais subordinadas à Confederação Nacional do Comércio.

Em suas ações, o SESC tem por finalidade estudar, planejar e executar medidas que contribuam para o bem-estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias. Atua nas áreas de assistência, saúde, educação, cultura e lazer, trazendo contribuições para o desenvolvimento econômico e social, participando do esforço coletivo para assegurar melhores condições de vida para todos.

O SESC tem como objetivos gerais: fortalecer, através da ação educativa, propositiva e transformadora, a capacidade dos indivíduos para buscarem, eles mesmos, a melhoria de suas condições de vida; oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua *qualidade de vida*⁷; contribuir para o aperfeiçoamento, enriquecimento e difusão da produção cultural.

No início, o SESC atuou em áreas onde o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários - IAPC⁸ se mostrava deficitário. Dessa forma, foi abrangendo cada vez mais áreas, atuando em três campos respectivamente: assistência à maternidade; assistência à infância; e, combate à tuberculose. E foi na prática que a Entidade foi descobrindo espaços de atuação.

Também propiciou ao trabalhador comerciário assistência odontológica, oftalmológica e fisioterapêutica. “Cobriam-se todas as retaguardas, uma vez que os problemas eram interligados” (BRANDÃO, 1997, p. 12).

⁷ São várias as ciências que utilizam o termo qualidade de vida (Psicologia, Sociologia, Economia, etc) Em medicina, a expressão “qualidade de vida” está associada, principalmente, à relação custo/benefício inerente à manutenção da vida de enfermos crônicos e terminais. A Economia, por outro lado, a associa à renda per capita, que funciona como indicador do grau de acesso da população aos benefícios da educação, da medicina e dos serviços sociais. Em sociologia, o conceito é mais abrangente, incluindo um conjunto de indicadores econômicos e de desenvolvimento sócio-cultural, identificados como nível ou padrão de vida de uma população. Quanto à política, a relação é feita com a equidade na distribuição das oportunidades sociais. Por fim, em Psicologia Social, qualidade de vida é representada pelo conceito de satisfação. É importante salientar que ter ou não qualidade de vida não é responsabilidade individual – fatores econômicos, sociais e culturais interferem diretamente no bem-estar de uma população (BANDEIRA, 2005, p. 53-55). Ainda por este viés, destaca-se que qualidade de vida é um termo utilizado para descrever o grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem estar (MINAYO et al, 2000, p. 9-10).

⁸ As Caixas de Aposentadoria e Pensões instituídas pela chamada Lei Elói Chaves, de Janeiro de 1923, beneficiavam poucas categorias profissionais. Após a Revolução de 1930 (ver FONTOURA, João Neves da, *Memórias: A Aliança Liberal e a Revolução de 1930*, Porto Alegre, Editora Globo, 1963), o novo Ministério do Trabalho incorporou-as e passou a tomar providências para que essa garantia trabalhista fosse estendida a um número significativo de trabalhadores. Dessa forma, foi criado o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM) em junho de 1933, ao qual se seguiram o dos Comerciários (IAPC) em maio de 1934, o dos Bancários (IAPB) em julho de 1934, o dos Industriários (IAPI) em dezembro de 1936, e os de outras categorias profissionais nos anos seguintes. Em fevereiro de 1938, foi criado o Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE). Os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), constituíram-se num marco da política pública brasileira, pois, dessa forma, o Estado passou a intervir na questão social. Esses órgãos eram tripartides, organizados por categoria profissional e tinham natureza corporativa. Em todos os IAPs era unânime a concessão de aposentadorias e pensões, os demais serviços (na área da alimentação, habitação e saúde) dependiam dos recursos de cada um. A presidência desses institutos era exercida por pessoas livremente nomeadas pelo presidente da República.

Segundo Oliveira (1947 apud BRANDÃO, 1997, p. 13), “a intenção do SESC era encarar os problemas sociais como problemas de massa, problemas de estrutura e não apenas praticar atos isolados de filantropia”, ou seja, extinguiu-se a idéia de caridade e adotava-se a assistência social efetiva visando uma melhor integração social e aperfeiçoamento técnico.

Com a volta de Getúlio Vargas ao poder na década de 1950, o Brasil vive momentos conturbados. As condições de vida do operariado estavam cada vez mais precárias e as greves eclodiam. Com a ampliação da crise política-econômica, as elites acabaram voltando-se contra o governo, o que resultou no suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954. Em 1955, fora eleito no Brasil Juscelino Kubitschek, marcando uma nova fase no país, com amplo investimento na industrialização.

1.1.1 Reordenamento das ações institucionais

Com a intensificação da industrialização, as condições de vida dos trabalhadores melhoraram e o governo passou a prestar melhor atendimento médico-assistencial à população. A ação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões – IAPs - estava evoluindo e conseqüentemente estes órgãos estavam prestando melhores serviços à população. Como o SESC não deveria interferir na área de atuação de outros institutos e instituições, passou a concentrar esforços em outras atividades.

Em 1951, sucedeu em Bertioga, São Paulo, a Convenção Nacional dos Técnicos do SESC, ficando definido que educação e recreação⁹ seriam prioridades para os próximos anos. Segundo Brandão (1997), este momento foi um marco na história do SESC. A partir desta primeira, outras convenções nacionais de técnicos acabaram sucedendo, com o intuito de avaliar a ação e planejar novas atuações. Planejou-se a criação de restaurantes para comerciários e a instalação de bibliotecas circulares. Também, foram abertas à comunidade em geral 20% das vagas nas atividades educativas e recreativas.

⁹ Destaca-se que a palavra lazer ainda não era utilizada.

Ressalta-se que as condições de vida neste período eram outras, modificadas pela sociedade urbano-industrial. Conforme Brandão (1997, p.14), “[...] era preciso ajustar o indivíduo ao meio social, dentro de um país em transformação e com dinâmica acelerada”. Neste momento, a metodologia de ação do SESC foi reformulada, voltando-se a setores recreativos, a colônias de férias e atividades culturais.

Vale assinalar que durante este encontro, também se constatou a necessidade de flexibilização do plano nacional e dos planos regionais de cada SESC, adequando-os as características específicas de cada estado brasileiro. Uma outra mudança, decorrente desta convenção, deve ser destacada: a cobrança de taxas de valores reduzidos para valorizar os serviços prestados, sendo que, até então, os mesmos eram disponibilizados gratuitamente (BRANDÃO,1997).

Durante o regime militar, que se instalou em 1964, tendo Castelo Branco como primeiro presidente, sucedido pelos generais Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo, o Plano Geral de Ação do SESC assumiu a orientação educativa para contribuir com o bem-estar da população comerciária. Esta orientação, definida na Primeira Convenção de Técnicos em 1951, ganhava força neste período.

O campo da educação social era um “instrumento para o desenvolvimento integral da personalidade humana [...] a educação deveria voltar-se para a realidade brasileira a qual deverá atender e da qual deverá extrair seu significado e sua validade” (SESC apud BRANDÃO, 1997, p. 17).

Também nessa época surgiram as Unidades Móveis de Orientação Social – UNIMOS – que percorriam cidades que ainda não existiam unidades fixas do SESC e instalavam-se um período em escolas, clubes, praças e sindicatos, realizando cursos, festas, projeção de filmes, entre outros.

O Brasil no governo militar passou por sérias dificuldades. Na economia, procurava-se reduzir o déficit público, equilibrando as finanças da União. Neste período houve uma diminuição significativa nos salários. A estabilidade no emprego acabou após dez anos de

trabalho e criou-se o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Enquanto isso teve início à luta armada e repressão por parte do governo.

De acordo com Brandão (1997), diante o cenário sócio-político desta época, a arrecadação do SESC foi reduzida de 2% a 1,5%. Criou-se o Ministério do Planejamento e coube a este órgão, desde então, a aprovação dos orçamentos do SESC¹⁰, sendo suas contas submetidas ao Tribunal de Contas da União. Neste momento a Entidade repensa novamente suas ações.

Em 1969, realizou-se a Quarta Convenção Nacional de Técnicos do SESC, desta vez em Petrópolis. Depois da primeira convenção, outras três se sucederam, pois havia a necessidade de reciclagem constante para responder as demandas de cada época. A convenção de 1969 objetivava a avaliação geral, para recolher subsídios às diretrizes gerais que entrariam em vigor em 1973.

A década de 1970 marcou uma fase de crescimento do país, com o chamado “milagre brasileiro”. É o período da expansão do comércio exterior, da redução do déficit público e da inflação, e da construção de grandes obras, como a Rodovia Transamazônica e a Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Nesta época, no SESC, a palavra chave foi lazer, fundamental para repor as energias dedicadas ao trabalho. Sendo assim, intensificaram-se atividades como a educação física e esportiva, o esporte amador, e construíram-se ginásios, piscinas, quadras, clubes campestres e colônias de férias.

Essa política foi pioneira no Brasil e esteve sempre articulada com a questão do salário real. O SESC tem a prática de assumir o custo de grande parte das suas atividades, uma vez que nas camadas mais empobrecidas o atendimento às necessidades básicas absorve todo o salário e, conseqüentemente, sobra uma parcela inexpressiva para o lazer.

Segundo Salgado (2007), muitos indivíduos por razões de natureza econômica, não podem vivenciar de forma sistemática o lazer ao longo do tempo de trabalho, sendo que o lazer pode ser visto como instrumento de recomposição do desgaste físico e psicoemocional,

¹⁰ Antes atribuição do presidente da República.

provocado pelo trabalho ou pelas possibilidades de crescimento pessoal e social. O lazer deve ser visto acima de um mero entretenimento, deve ser entendido como a forma mais elevada da atividade.

De acordo com Requiça (1977, apud SALGADO, 2007, p. 74), “ainda que o lazer possa ocorrer como uma pausa na ocupação cotidiana é uma pausa ocupada na qual o indivíduo se recupera pela atividade, para voltar e melhor enfrentar o próprio cotidiano”.

Ainda sobre a questão do lazer, Salgado (2007) salienta que a ocupação do tempo livre tem sido motivo de preocupação por parte das sociedades, principalmente aquelas cujo desenvolvimento tem liberado mais cedo os indivíduos do trabalho economicamente produtivo. Dessa forma, o lazer vem se fortalecendo como atividade de significativo valor social a ser assumida no tempo livre.

Observa-se que desde a década de 1950 o SESC já tinha uma preocupação com a questão da ocupação do tempo livre através de atividades voltadas ao lazer¹¹, pois já sabia dos benefícios que esta prática podia trazer a vida dos indivíduos, tanto no sentido de recuperação psicossomática, quanto na recuperação do desgaste físico para a melhor retomada das atividades cotidianas.

Atrelado ao lazer, programas de nutrição (como restaurantes para comerciários), educação e saúde (principalmente na área odontológica) evoluíam dentro do plano de ações da instituição durante a década de 1980 (BRANDÃO, 1997).

Os anos de 1980 começaram com recessão econômica. O Produto Interno Bruto – PIB - caiu, as taxas de juros internacionais subiram, a dívida externa cresceu. Além disso, os juros internos aumentaram, houve desemprego e a inflação não baixava.

¹¹ Destaca-se que nos anos de 1950, quando o SESC iniciou sua preocupação com a ocupação do tempo livre do trabalhador, não era utilizada, ainda, a palavra lazer e sim recreação.

Em 1983 surge o movimento Diretas-Já¹², agregando diversos segmentos da sociedade. Em 1985, Tancredo Neves¹³ e José Sarney foram eleitos para presidente e vice-presidente do país. Com a morte de Tancredo, Sarney assume o governo brasileiro.

Com o Plano Cruzado a moeda brasileira mudou. Houve alívio na economia, e a classe operária voltou a se articular. O país vivenciou a transição rumo à democracia, a inflação foi contida temporariamente, e uma Assembléia Constituinte formulou, em 1988, a nova Constituição.

Percebendo o processo de transformação gradual do país e a crescente conquista de espaços, o SESC elaborou programações culturais cada vez mais ousadas. Seus eventos passaram a contar com a participação dos melhores artistas, com espaço para os talentos iniciantes e as produções regionais.

Em 1986, foi elaborado o Primeiro Plano Nacional de Ação do SESC – PLANESC – destinado a “proporcionar uma orientação geral à ação, consolidando a identidade nacional da instituição e criando condições para o estabelecimento de programações mais estáveis e menos sujeitas a injunções políticas circunstanciais” (SESC apud BRANDÃO, 1997, p. 25). Sobre esta questão, expõe Brandão:

A cada crise econômica, as classes produtoras, diante da carga de tributos que se exige delas, se indagam a respeito da manutenção desta Entidade, às vezes, acusando-a de aumentar custos sem perceberem que na relação custo-benefício, quando se olham os números são elas as grandes beneficiadas (BRANDÃO, 1997, p. 25).

¹² Diretas Já foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil.

¹³ Foi eleito o primeiro presidente civil do Brasil em mais de 20 anos. Apesar de indireta, a eleição de Tancredo foi recebida com grande entusiasmo pela maioria dos brasileiros. No entanto, Tancredo não chegou a assumir a Presidência. Na véspera da posse foi internado no Hospital de Base, em Brasília, com fortes dores abdominais e José Sarney toma seu lugar interinamente no dia seguinte, em 15 de março de 1985. Depois de sete cirurgias, Tancredo veio a falecer em 21 de Abril, aos 75 anos de idade, vítima de infecção generalizada. Deu-se uma comoção nacional, tantas as esperanças que haviam sido depositadas em Tancredo. Em 22 de abril, Sarney foi investido oficialmente no cargo. Governou até 1990, um ano a mais que o previsto na carta-compromisso da Aliança Democrática, pela qual chegou ao poder.

Nos anos de 1990, o programa de saúde do SESC continuou sendo um dos principais focos de atuação, oferecendo serviços de medicina preventiva, educação para a saúde, atendimento odontológico e noções de higiene pessoal.

Na área de educação, desde essa época havia recreação pré-escolar para crianças de três a seis anos, supletivo de 1º e 2º graus e pré-vestibular para adultos. Um serviço pioneiro criado pela instituição foi a biblioteca circulante, formada por caixas de livros que itineram, num sistema de rodízio, por postos situados em lojas, sindicatos, associações e escolas de lugares onde não há biblioteca ou sequer livraria. Neste caso, a própria prefeitura da cidade solicita o serviço, assim é realizado um estudo para saber qual a cidade que se deve dar prioridade e que esteja necessitando com maior rapidez, sendo que o SESC procura, na medida do possível, atender todas as cidades solicitantes.

Outros PLANESC vieram objetivando:

[...] repensar o SESC e seu futuro, porque imerso em uma realidade profundamente transformada e em transformação, ele é direcionado por princípios que, no fundamental, não foram revistos por longo tempo. Não que estes princípios estejam superados, mas precisam ser discutidos, nem que seja para reafirmá-lo e revitalizá-los (SESC apud BRANDÃO, 1997, p. 26).

Diante disso, percebe-se que ao longo dos anos, como parte de um processo natural, o trabalho desenvolvido pelo SESC foi passando por reformulações; adaptando-se as exigências e necessidades de cada época, para assim, oferecer serviços de qualidade condizentes com os interesses de seu público alvo.

Hoje, o SESC está presente em todas as capitais do país e em cidades de pequeno e médio porte. Em muitas delas, é a única alternativa da população para serviços de educação, saúde, cultura, lazer e assistência. Possui uma estrutura descentralizada e autônoma, tanto para a gestão como para a criação e execução de projetos e atividades.

Em sua estrutura organizacional possui: uma Administração Nacional (NA) e diversas Administrações Regionais (ARS), uma em cada estado brasileiro. A Administração Nacional (NA) é composta pelo Conselho Nacional (CN) que é o Órgão Deliberativo, pelo Departamento

Nacional (DN) que é o Órgão Executivo, e pelo Conselho Fiscal (CF) que é o Órgão de Fiscalização Financeira. Já a Administração Regional (AR) é formada por um Conselho Regional (CR) que é o Órgão Deliberativo, pelo Departamento Regional (DR) que é o Órgão Executivo e por Unidades Operacionais, sendo que cada uma das unidades possui Gerente, Colaboradores e Estagiários.

São serviços que o SESC oferece aos trabalhadores do comércio de bens e serviços e à comunidade em geral: Creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Pré-vestibular, Medicina Preventiva e de Apoio, Odontologia, Nutrição, Cinema, Teatro, Música, Artes Plásticas, Dança, Artesanato, Biblioteca, Esporte, Ação Comunitária, Trabalho Social com Idosos e Assistência Especializada.

1.2 SESC em Santa Catarina

Em Santa Catarina, a trajetória do SESC teve início com a criação do Conselho Regional em Florianópolis, na data de 29 de setembro de 1948, sob a presidência de Charles Edgar Moritz¹⁴. Sua ação no início era voltada apenas à área médico-odontológica, conforme a diretriz nacional da época.

Acompanhando o crescimento do Estado, o SESC ampliou sua ação, em resposta às demandas de sua clientela. A sua presença gradualmente se estendeu a outras localidades, sob a forma de Delegacias, que depois seriam transformadas em Centros de Atividades. No ano seguinte à implantação do SESC em Santa Catarina, Joinville e Laguna seriam as primeiras cidades a sediar os serviços do SESC, enquanto Blumenau e Itajaí desfrutariam de seus benefícios a partir de 1950 e Lages em 1959.

Nas décadas de 1960 e 1970 outros núcleos foram sendo instalados em todas as regiões catarinenses: Florianópolis-Estreito, em 1964; Criciúma e Tubarão, no ano de 1973; Brusque, em 1975; Chapecó, em 1978; Xanxerê, em 1998; e Rio do Sul, Concórdia e Jaraguá do Sul, no ano de 1999.

¹⁴ Empresário e também presidente do SENAC de Florianópolis no mesmo período.

Hoje, o SESC Santa Catarina totaliza 15 (quinze) Centros de Atividades, ou Unidades de Atendimento, presentes em diferentes regiões do Estado, duas Colônias de Férias, sendo uma na cidade de Blumenau e outra em Florianópolis, no Bairro de Cacupé, e uma Pousada Rural localizada na cidade de Lages. Realiza, ainda, atuações com a Unidade Móvel, que leva atendimento a locais onde não há Centro de Atividade fixo. Com isso, o SESC tem oferecido ao longo de seus 60 anos de existência em território catarinense, diversificados serviços aos trabalhadores comerciários, seus dependentes e comunidade em geral.

Entre as principais atribuições do SESC Santa Catarina estão o planejamento e a execução de ações marcadas pela excelência nas áreas de Assistência Social, Cultura, Lazer, Saúde e Educação, com vasta oferta de projetos e programas, equipamentos e serviços, voltados prioritariamente à comunidade comerciária. Assim, as Unidades do SESC realizam em Santa Catarina, a cada ano, cerca de 13 milhões de atendimentos, tornando-o a maior referência como instituição social perante os empresários do comércio¹⁵.

A declaração de Valores do SESC Santa Catarina expõe como princípios: ética; respeito e valorização do ser; estímulo à criatividade; ações inovadoras; comprometimento com cliente; conscientização quanto à preservação do meio ambiente; sensibilização e flexibilidade; integração com a comunidade; e, transparência nas ações¹⁶.

No que se refere à Unidade de Florianópolis do SESC - conhecida também como Centro de Atividades de Florianópolis (CAF) - ressalta-se que, sob a orientação do Departamento Regional, a Gerência de tal unidade supervisiona e dirige os seguintes setores: Setor Administrativo, Central de Atendimentos, Setor de Grupos (onde é colocado em prática o Trabalho Social com Idosos do SESC, através dos grupos de idosos), Setor de Educação, Setor Odontológico, Setor de Esportes, Setor de Divulgação, Biblioteca, Setor de Cultura, Setor de Educação para Saúde e Setor de Turismo.

¹⁵ SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SANTA CATARINA. Site institucional. Disponível em <www.sesc-sc.com.br>. Acesso em: 3 de maio 2008.

¹⁶ Ibidem.

Faz-se a explanação da estrutura organizacional do CAF, devido ao campo de estágio da pesquisadora ter se realizado nesse local, no período de março de 2007 a julho de 2008, sendo nele efetivado o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos, objeto de estudo e observação para elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso e que será melhor abordado na terceira seção.

SEÇÃO II

TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC: UMA AÇÃO PIONEIRA NO BRASIL

O objetivo desta seção é apresentar o Trabalho Social com Idosos do SESC elecando suas ações em âmbito nacional. Realiza-se, ainda, uma análise reflexiva das políticas de atenção à pessoa idosa no Brasil, pontuando os entraves e desafios para sua efetiva implementação. Na seqüência, faz-se um resgate do trabalho realizado com idosos no SESC Unidade de Florianópolis.

2.1 Trabalho Social com Idosos do SESC: como tudo começou

Na década de 1960, mais especificamente no ano de 1963, o Trabalho Social com Idosos iniciou no SESC, na unidade Carmo em São Paulo, através da criação de um grupo de idosos, com o objetivo de atender suas necessidades iniciais básicas de convivência, de atenção, de cuidado e de amparo, tendo uma perspectiva assistencial.

Neste período histórico, ainda não existia uma preocupação com a questão social do idoso. O Brasil era reconhecido como um país jovem, havendo pouco mais de 5% de pessoas maiores de 60 anos¹⁷. Por este número relativamente reduzido e pelo isolamento social, este segmento societário não possuía visibilidade. As poucas ações sociais existentes nesta época, voltadas aos idosos, eram de natureza assistencialista, ou seja, serviam somente para suprir algumas carências básicas, como forma de minimizar o sofrimento decorrente da miséria e da doença. Nesta perspectiva, as ações para este setor efetivavam-se através de instituições asilares, mantidas pelo Estado ou por congregações religiosas, tendo como única finalidade garantir a sobrevivência física do idoso.

¹⁷ Rede Latino Americana de Gerontologia. Disponível em < www.gerontologia.org >. Acesso em: 20 de maio 2008.

Diante disso, evidencia-se a realidade dos idosos brasileiros daquela época, que viviam enclausurados em suas próprias casas ou em instituições asilares, estes por problemas de saúde ou indigência, aqueles por não possuírem alternativas de participação e convivência devido a uma inexistência de políticas públicas que visassem a melhoria das condições de vida deste segmento social. As precárias condições culturais em prol de um envelhecimento sadio; as baixas aposentadorias; a inadequação das cidades às condições físicas do idoso; e, as dificuldades de acesso a programas de cultura e lazer, também eram fatores negligenciados pelas políticas governamentais, levando, inevitavelmente, o idoso ao confinamento, o que gerava sentimentos de solidão, insegurança e outros problemas psíquicos (RODRIGUES; MAGALHÃES, 2008).

É neste contexto que o Trabalho Social com Idosos surgiu no SESC de São Paulo, quando um pequeno núcleo de aposentados do comércio foi formado na unidade Carmo, na capital paulista. Este trabalho foi pioneiro no país e na América do Sul. A iniciativa para formulação de um trabalho voltado aos idosos, partiu de técnicos da entidade, que no ano anterior, em visita aos EUA, conheceu avançados equipamentos de lazer utilizados por pessoas dessa faixa etária.

Salienta-se que os primeiros núcleos de idosos surgiram na sociedade norte-americana, durante a década de 1950 e eram denominados “The Golden Age”, nome que definia o tempo da velhice como época de muitas possibilidades e realizações pessoais e sociais. O objetivo destas nucleações era propiciar um maior nível de sociabilização, além de favorecer a ocupação mais adequada do tempo livre, já que liberados do trabalho profissional, estes idosos buscavam viver mais adequadamente o tempo de sua aposentadoria. Ademais, nesta época, estudiosos norte-americanos já identificavam nos idosos daquele país, principalmente os aposentados, uma diminuição da auto-estima e a vivência de uma existência marcada pelo ócio, visto que a aposentadoria e a diminuição das responsabilidades familiares reduziam significativamente suas atividades, aumentando, conseqüentemente, o tempo livre. Dessa forma, sem um preenchimento desse tempo ocioso, suas existências ficavam pobres de sentido e satisfações pessoais (SALGADO, 1982, apud SALGADO, 2007, grifo do autor).

Segundo Salgado (2007), o Programa The Golden Age era uma ação que estava produzindo resultados satisfatórios para o segmento idoso dos EUA e os técnicos Renato Requixa e Amin Aur, do SESC de São Paulo, em viagem de estudo aquele país, observaram tal programa

e constataram a importância desta iniciativa junto aos idosos, incentivando, posteriormente, a criação de trabalho semelhante no Brasil, surgindo assim, o Trabalho Social com Idosos do SESC, na Unidade Carmo, freqüentada por um número expressivo de aposentados do comércio.

Este primeiro grupo de convivência intitulado Carlos Malatesta, em homenagem ao Assistente Social que o organizou, foi o primeiro modelo de trabalho com idosos do SESC. Entre as primeiras atividades realizadas pelo grupo, estão: comemorações de aniversários, bailes, festas de diferentes naturezas e jogos de salão. No início, o grupo Carlos Malatesta foi exclusivamente masculino, mas, aos poucos, as esposas dos participantes foram se incorporando a ele, e hoje, como ocorre nos demais núcleos de convivência para idosos do país, as mulheres representam ampla maioria, tal fenômeno chamado, pelos antropólogos sociais, de feminização da velhice.

Segundo o Censo Demográfico de 2000, 55% do contingente populacional brasileiro com mais de 60 anos é composto por mulheres. Entre os de idade superior a 80 anos, essa proporção sobe para 60,1%. Em função de menor mortalidade feminina, constata-se, pois, uma feminização no envelhecimento do segmento idoso. Verifica-se, também, que no envelhecimento reduz-se a proporção de mulheres casadas e há um aumento de viúvas. Na população idosa feminina encontram-se, aproximadamente, 41% viúvas (NEGREIROS, 2004, p. 80).

A predominância das mulheres que freqüentam grupos de idosos tem razões, que vão além das demográficas, diz respeito, sobretudo a aspectos culturais e de momento histórico na trajetória social dos gêneros. As mulheres estão muito menos resignadas à velhice, definida segundo o modelo tradicional, que tem como referência a inatividade e o descarte social, essas mulheres estão vivendo um tempo de maior liberação, que as anima a pensar um pouco mais em si, tendo um padrão de comportamento geracional e de gênero que antes não encontrava justificativa social para se exercer, já que outrora, estas mulheres deveriam se dedicar apenas à família (MOTTA, 1997).

Em uma pesquisa envolvendo mulheres participantes de grupos de convivência realizada por Cabral (1997, apud FERNANDES, 2008, p.17), verificou-se que, apesar de a maioria ser casada, no geral não se constatava a presença dos seus cônjuges nas atividades. Quando indagadas sobre as razões que levavam a esta situação, as mulheres disseram que o

marido gostava de outras atividades, como: jogos, festas de bairro, conversas de bar, danças e bebidas.

De acordo com Motta (1999, apud FERNANDES, 2008, p.22), o que possivelmente justifica o posicionamento divergente de homens e mulheres no que se refere à participação em grupos de convivência, são as vivências de gênero, que se encontram em desmonte na atualidade, todavia, nortearam a vida dos homens e mulheres idosas de hoje. Segundo o entendimento desta autora:

[...] homens e mulheres idosas se diferenciam quanto a atitudes, práticas e representações. Para a mulher tradicional foram prescritas a domesticidade e maior repressão social, ou seja, a vivência de uma “feminilidade” que significava obediência e conformismo. Já os homens vivenciavam uma “masculinidade” expressa pela dominação da mulher e filhos, obrigação de ser o provedor único da família e expectativa de recebimento de “serviços” domésticos das mulheres [...] (MOTTA, 1999, apud FERNANDES, 2008, p.22, grifo do autor).

Tendo nascido até meados da década de 40, um período em que a participação de mulheres fora do lar era muito rara, a mulher idosa de hoje optou por participar de grupos de convivência e estar realizando atividades sociais que antes não exercia, tendo nesse espaço social um entusiasmo que contrasta com a atitude de reserva e indiferença dos homens. Tal condição, segundo Debert (1999, apud FERNANDES, 2008 p.24), pode ser resultante do “[...] afrouxamento do controle social sobre a mulher no contexto do envelhecimento, pois ela já não detém a função procriadora”.

Todavia, apesar da pequena participação de homens idosos em atividades grupais, tanto para homens como para mulheres, nessa fase da vida, as atividades em grupos são “um bom combustível para uma vida longa, ativa e saudável” (FERRARI, 2002, apud FERNANDES, 2008, p.17).

Os grupos de convivência podem ser considerados espaços de grande importância, pois neles os idosos podem participar socialmente, fazer amizades, ter acesso ao lazer, à saúde física e emocional, superando, dessa forma, o isolamento social e a solidão. O processo de grupo garante

um exercício de *cidadania* aos idosos, incentiva sua *autonomia*, como também a troca de informações e orientações importantes para reconstruírem aspectos do seu contexto de vida.

No que se refere à autonomia, Ryff (1989, apud BANDEIRA, 2005, p. 53), faz as seguintes considerações: “a questão da autonomia do idoso é um aspecto fundamental ao seu bem-estar. A autonomia inclui a capacidade para a autodeterminação, para resistir a pressões sociais, para pensar e agir de certo modo e para avaliar o Eu por padrões pessoais”.

Ter autonomia é poder executar independente e satisfatoriamente suas atividades do dia-a-dia, continuando suas relações e atividades sociais, e exercitando seus direitos e deveres de cidadão (ABREU *et al.*, 2002).

No tocante à cidadania, esta manifesta, sobretudo, o direito à convivência, que significa respeito mútuo, solidariedade, amizade, proteção, segurança, liberdade, enfim, o direito de exercitar a democracia na sua essência. E ser cidadão significa ter pleno acesso a todos os direitos individuais e políticos, econômicos e sociais para a garantia de uma vida digna ao ser humano, à comunidade e à sociedade (GUIA CIDADANIA E COMUNIDADE, 1997, apud KERTZMAN, 2005).

O aumento da proporção de idosos no mundo suscita a questão de sua inserção em processos coletivos de defesa dos direitos de cidadania. Os idosos representam uma força proeminente na sociedade e devem ser vistos como cidadãos de pleno direito e não, sobretudo, como vulneráveis. Avanços nesta direção podem ser vislumbrados no nível do associativismo promovido nos espaços de sociabilidade destinados aos idosos (QUEIROZ, 1999; DONATO e CANOAS, 1997 e SPOZATI, 1999, apud ASSIS, 2005, p. 25-26).

Assim, por este viés, ressalta-se que, como nos diz Medeiros (2006), a participação em grupos de convivência possibilita mudanças acerca dos conceitos sobre velhice. No processo coletivo, há a possibilidade de se trocar pontos de vista, modificar concepções de mundo, para assim, se construir novos padrões de vida, ademais, permite aos idosos, participantes destes grupos, resgatar o direito à palavra e à construção de suas próprias idéias, contextualizar-se no tempo e no espaço, e finalmente, vivenciar de forma sólida os requisitos de uma cidadania.

Os centros de convivência para os idosos representam um estímulo para a vida social e podem significar, também, o ponto de partida para outras conquistas, no sentido de exercer pressão nos sistemas sociais e reivindicar melhores condições de vida. Portanto, participação é responsabilidade de todos, e quando assume a posição de agente de mudança, o grupo de convivência e a comunidade conseguem alcançar as melhorias sociais que almejam (MEDEIROS, 2006, p.52).

Sabendo dos benefícios que os grupos de convivência proporcionam aos idosos e objetivando uma melhoria nas condições de vida e inclusão social deste segmento na sociedade, é que durante os anos de 1960 e 1970, houve um incentivo do SESC para a criação de grupos de convivência, dessa forma, o idoso poderia enfrentar a marginalização e ao mesmo tempo estabelecer vínculos de amizade, compartilhando preocupações, angústias, sonhos e desejos com aqueles que viviam uma problemática semelhante.

2.2 O aumento da expectativa de vida no Brasil e as respostas do SESC frente esta demanda

Nas últimas duas décadas, a expectativa de vida da população brasileira tem aumentado consideravelmente àquele alcançado ao longo de mais de um século nos países desenvolvidos¹⁸. Este aumento da longevidade, o qual se deveu em especial às tecnologias médicas utilizadas no Brasil, coloca com agudeza questões relacionadas ao idoso.

De acordo com Negreiros (2004, p. 80) “[...] com o aumento da expectativa de vida, recaiu sobre o processo de envelhecimento um olhar mais atento e este passou a ser estudado sob a ótica de percurso de vida, em contraposição à antiga visão de ciclo vital”.

A velhice é resultado da evolução da vida, constituindo-se num processo natural, universal e inevitável, para qualquer pessoa. Nesta fase ocorre uma multiplicidade de fatores de ordem genética, biológica, ambiental, social, psicológica e cultural. (FERRARI, 1999, apud ASSIS, 2005).

¹⁸ Países que possuem fortes economias e altos indicadores sociais, tais como: elevado nível de vida da população, desenvolvimento científico e tecnológico elevado, boas condições de alimentação, habitação e saneamento básico, baixa taxa de natalidade e mortalidade, elevada expectativa de vida, etc.

De acordo com Duarte (s.d., apud ROSA et al, 2005, p. 55), o envelhecimento é um processo que apresenta algumas características: “é universal, por ser natural não depende da vontade do indivíduo [...] É irreversível, nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter. É heterogêneo e individual, em cada espécie há uma velocidade própria para envelhecer. É deletério, pois leva a uma perda progressiva das funções. É intrínseco”.

Sobre o processo de envelhecimento, Salgado (2007), também nos dá sua contribuição, quando expõe que este resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais, constituindo-se num processo multidimensional. Segundo este autor: “excetuando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui a seus idosos” (SALGADO, 2007, p.69).

Segundo Bassit (1999, apud ROSA et al, 2005, p.33) a forma como vamos experienciar a nossa velhice “está relacionada com a nossa vida inteira, porque reflete o nosso nascimento, crescimento, amadurecimento, as formas pelas quais vivemos a nossa vida e os eventos que configuram e influenciaram a nossa existência”.

Tendo em vista isso, nota-se que o envelhecimento humano pode ocorrer de maneira tranqüila ou ser sentido com grande intensidade, tudo dependerá da relação da pessoa com a velhice; da forma como cada indivíduo organiza e vivencia seu curso de vida, além é claro, das condições histórico-culturais, dos fatores genéticos, ambientais e patológicos que interferem na saúde (NERI, 1993, apud ROSA et al, 2005). Segundo Debert (1984, apud MOTTA, 1998, p.228), “o envelhecimento não é um processo homogêneo, mesmo em cada indivíduo. Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantêm muito mais jovens, conservados, sadios, do que outros, os médicos e a vida cotidiana estão sempre apontando isso”.

Já Ferrari (1999, apud ASSIS, 2005, p. 16), nos alerta que “a variabilidade individual e os ritmos diferenciados de envelhecimento tendem a acentuar-se conforme as oportunidades e constrangimentos vigentes sob dadas condições sociais”.

Para Beauvoir (1990, apud SALGADO, 2007), é muito difícil determinar uma imagem social global para a velhice, visto que todas as referências variam conforme o tempo e a

sociedade, na maioria das vezes incertas e contraditórias, resultantes de impressões preconceituosas.

Dessa forma, por compreender características peculiares, o envelhecimento, na maior parte das vezes, é pensado de uma forma estereotipada, de modo geral, a imagem que se tem da velhice é de um momento marcado por doenças, dependência e deterioração física. “Muitas das referências sobre velhice foram elaboradas a partir de idéias preconceituosas e imagens produzidas por crenças, medo e preconceitos” (SALGADO, 2007, p. 69).

Assis (2005) ressalta que o declínio biológico, ocasionalmente acompanhado de doenças e dificuldades funcionais com o avançar da idade, leva a uma representação negativa do envelhecimento. Para Scrutton (1992, apud ASSIS, 2005), no imaginário popular a velhice é associada com crescente mal-estar, doença e dependência aceitas como características normais e inevitáveis desta fase.

O próprio idoso sente dificuldade em reconhecer-se como velho, porque “a velhice é sempre associada à decadência, muito mais do que às propaladas sabedoria e experiência” (MOTTA, 1998, p.228).

Diante dessa imagem geral da velhice tão plena de negatividade, Belo (1990, apud MOTTA, 1998, p.228), analisa que “os que de certa forma se sentem participando do cotidiano não se consideram velhos [...] não se querem enquadrados no modelo cruel”.

Todavia, é interessante salientar que a tendência contemporânea é a inversão da representação da velhice como sendo um processo de perdas e a atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas e pela busca do prazer. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais proveitosas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Caminha-se para uma mudança dos estereótipos negativos da velhice e abre-se espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente (DEBERT, 1997).

Percebe-se hoje em dia, ao contrário do que víamos há algumas décadas, que os idosos estão procurando participar ativamente da sociedade. Movidos pelo desejo de viver mais intensamente, tornaram-se mais participativos, contribuindo com suas idéias nas discussões sobre problemas do bairro, da cidade e do país. Os idosos se mobilizaram na defesa de seus direitos e, a partir dessa mobilização, se organizaram em Conselhos Municipais e Estaduais e, mais recentemente, no Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, do qual, o SESC faz parte como membro no Conselho. Uma notável consequência dessa evolução é o reconhecimento da classe política à importância dos cidadãos mais velhos. Nos processos eleitorais, por exemplo, seu voto tem sido intensamente disputado.

Silva et al (1997, p. 125, grifo do autor) afirma que “[...] a velocidade de envelhecimento da população torna impossível o “jogo da invisibilidade” a que se condicionava o trato com o idoso até pouco tempo atrás. Essa população cresce, também ganha voz, reivindica, ocupa espaços e altera as estruturas familiares”.

O SESC, sempre atento às mudanças da sociedade e voltando-se às exigências desse “novo idoso” que procura cada vez mais participar ativamente da dinâmica social, incentivou, a partir da década de 1970, a criação das Escolas Abertas da *Terceira Idade*¹⁹, após a constatação da necessidade de reciclagem de conhecimentos para que os mais velhos pudessem melhor acompanhar as transformações políticas, econômicas e culturais da sociedade. Estas escolas fundamentam-se na lógica da Educação Permanente²⁰, que enfatiza o direito e a necessidade que o ser humano tem de se educar ao longo de toda a vida. Com isso o SESC estimulou, nos anos seguintes, a formação das faculdades abertas para idosos, em inúmeras instituições privadas e públicas de ensino superior, hoje, presentes em todo o Brasil.

Salienta-se que a Escola Aberta da Terceira Idade, uma das primeiras iniciativas voltadas à educação de idosos, introduzidas no país através do SESC de São Paulo, era uma

¹⁹ O termo *terceira idade* é alvo de muitas críticas por ser considerado uma indicação eufêmica. Como não temos a pretensão de adentrarmos neste assunto, apenas salientamos que ao longo do desenvolvimento deste trabalho utilizaremos os termos: idoso, velhice e processo de envelhecimento. Entretanto, alerta-se que alguns autores, utilizados como referência neste estudo, e alguns projetos realizados pelo SESC utilizam a terminologia *terceira idade*.

²⁰ Educação permanente é aquela que se processa no decorrer da vida toda, escolarizada ou não, salientando que se trata de um direito garantido constitucionalmente (LIBERATO, 1996, apud VIVAN, 2007, p.30).

adaptação do trabalho precursor desenvolvido na França, berço das, então chamadas, Universidades do Tempo Livre. Isso porque, profissionais do Serviço Social do Comércio interessados pelo trabalho desenvolvido em território francês foram até lá, a fim de conhecê-lo melhor (VIVAN, 2007).

De acordo com Rodrigues e Magalhães (2008), a idéia de uma Universidade Aberta da Terceira Idade surgiu na França, em 1973, na cidade de Toulouse, quando houve a manifestação de um movimento em busca de alternativas para a melhoria das condições de vida dos idosos franceses. Ainda segundo essas autoras: “os cursos, as oficinas de trabalho, os grupos de estudos e outras modalidades oferecidas [nas Universidades voltadas ao público idoso francês] são diversificadas e abertas, compostos de conteúdos e metodologias próprias, centradas no modelo da educação continuada daquele país” (RODRIGUES; MAGALHÃES, 2008, p. 160).

Hoje em dia, a maioria dos programas universitários brasileiros destinados ao segmento idoso segue este modelo francês e foca suas atividades em programas de educação permanente, constituindo-se em espaços onde os idosos podem utilizar seu tempo de forma criativa, estudando e atualizando-se (RODRIGUES; MAGALHÃES, 2008).

Além das Escolas Abertas da Terceira Idade, os projetos de preparação para a aposentadoria, criados nos anos 1980 no SESC de São Paulo, também representam um marco na história do Trabalho Social com Idosos do SESC. Tais projetos surgiram dentro de uma perspectiva de prevenção dos malefícios advindos do isolamento e da inatividade dos aposentados, já que naquele momento se vivia um paradoxo: a expectativa da aposentadoria como um tempo de lazer, sem, no entanto, a oferta de condições de participação em atividades que pudessem preencher o vazio provocado pelo desligamento profissional. Além disso, não existe, ainda hoje, por parte das empresas, a preocupação em preparar seus trabalhadores para esta etapa da vida.

No que se refere à questão da aposentadoria, Redondo (1992, apud MOTTA, 1998, p.227), expõe que: “em uma cultura estruturada a partir do trabalho produtivo fora da unidade doméstica, a entrada e a saída do mundo do trabalho determinam mudanças importantes no ciclo de vida, contribuindo pra estabelecer as grandes transições na biografia pessoal”.

Motta (1998) afirma que da mesma forma que a participação do jovem no mercado de trabalho o assinala como adulto responsável, um dos momentos cruciais da passagem da maturidade à velhice dá-se com a aposentadoria.

Ainda por este viés, ressalta-se que a aposentadoria pode trazer inúmeras complicações negativas para o idoso, como mudanças nas condições econômicas e a vivência de um “vazio social” (GÉIS, 2003, apud FERNANDES, 2008, p.20, grifo do autor).

Segundo Rodrigues (2003, apud FERNANDES, 2008, p.20), “é um mito pensar a aposentadoria como início de uma época na qual o indivíduo disporá livremente de sua vida e usufruirá os bens que a natureza e a sociedade lhe oferecem”. Ou seja, a idéia de aposentadoria como um momento da vida dedicado ao lazer é equivocado, haja vista que o lazer não é acessível à grande maioria, devido problemas sociais e econômicos que atingem a população idosa.

Na maioria dos casos, as aposentadorias não permitem a satisfação das necessidades primárias dos indivíduos. À perda do poder aquisitivo soma-se a perda das estruturas da sociabilidade centradas no trabalho, na família e secundariamente nas relações de vizinhança, sobretudo as de lazer. O aposentado, principalmente nas grandes cidades, se torna pessoa solitária, pela ausência da família e pela dificuldade em se relacionar fora do antigo ambiente de trabalho (MIRANDA, 1994, p.6).

Diante desta realidade, é imprescindível que os diferentes sistemas de apoio ao idoso (formal e informal) proporcionem-lhe atividades que lhe possibilitem encarar essa nova etapa de sua vida de uma forma tranqüila e saudável, através de ações gratificantes e motivadoras, que o ajude a superar estados psíquicos baixos e depressão, fazendo-o sentir com um ponto de referência social. Os grupos são exemplos de trabalhos realizados com idosos que trazem um resultado significativo na melhoria da qualidade de vida deste segmento social, onde estes idosos podem experimentar vínculo de união e integração.

No que se refere à qualidade de vida na velhice, Néri (1993, apud BANDEIRA, 2005, p. 58), expõe que: “avaliar a qualidade de vida na velhice implica a adoção de múltiplos critérios de natureza biológica, psicológica e sócio-estrutural”. A autora em questão estabelece uma relação entre qualidade de vida e satisfação.

Alcançar uma boa qualidade de vida na velhice, de forma geral, exige uma alimentação adequada que supra as necessidades do corpo, condições dignas de moradia, estabelecimento e manutenção de contatos sociais, acesso a serviços de saúde e remuneração compatível com necessidades de gastos. No quesito remuneração compatível, o Brasil está muito aquém de corresponder este ideal, visto que o valor das aposentadorias é incompatível com as necessidades básicas de sobrevivência de um indivíduo, constituindo-se numa das principais barreiras que impedem os idosos brasileiros de conquistar uma melhor qualidade de vida (BANDEIRA, 2005).

O panorama da velhice no Brasil nos alerta para a necessidade de discutir a questão da qualidade de vida para esse segmento populacional, visto o aumento significativo da expectativa de vida do brasileiro presenciado nessas últimas décadas. Não basta um prolongamento da vida, este deve estar associado ao acesso a um conjunto de elementos, tais como: saúde, alimentação, lazer, salário/aposentadoria compatível, etc. É imprescindível que exista uma estrutura social que não marginalize aqueles que envelhecem.

Também, mostra-se relevante salientar que grande parte da busca pela qualidade de vida está associada à conscientização sobre os cuidados concernente à saúde. “Quando se refere à qualidade de vida o termo subsequente e imediato é saúde, saúde no seu sentido mais amplo: físico, psíquico e social; contudo para mantê-la ou adquiri-la, faz-se necessário cultivar hábitos saudáveis, dentre os quais, inclui-se a atividade física” (ROSA et al, 2005, p. 57).

Nesse sentido, novamente o SESC inova suas ações na área da gerontologia, desenvolvendo, já há duas décadas, programas de atividades físicas para idosos, inclusive na área esportiva, acompanhando as novas propostas da medicina, no tratamento e na prevenção das patologias típicas do envelhecimento. O SESC considera a atividade física um importante instrumento de prevenção e manutenção da saúde do corpo e da mente, além de promover uma integração social.

Diante o exposto, percebe-se que a atividade física está diretamente associada com a promoção da saúde e que a qualidade de vida é multideterminada, sendo que outros fatores, além dos já citados, devem ser considerados para o seu alcance, como, por exemplo, a questão da informação, adquirida através da educação.

Não basta uma sociedade com mais idosos: é necessário oferecer oportunidades de participação social aos mesmos, o que se dará, entre outras coisas, através do compromisso com o acesso à educação em todos os níveis, em todas as idades. Assim, a qualidade de vida apresenta uma íntima relação com educação, já que é através desta que garantimos acesso à informação, o que contribuirá para uma vida com mais qualidade (BANDEIRA, 2005, p. 56).

Preocupado em manter a pessoa idosa cada vez mais informada e instruída é que o SESC também tem na sua pauta de atuação a organização de encontros regionais, estaduais e nacionais de idosos, realizados desde 1982, com a prerrogativa de trabalhar temáticas sociais, culturais e políticas, contribuindo, assim, para elevar o grau de conscientização dos idosos, tanto no que se refere a seus problemas específicos, quanto sobre aqueles que afetam a sociedade em geral. Eventos como estes, já ajudaram na formação de lideranças que hoje compõem os conselhos municipais e estaduais de idosos, além do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso e de outras instituições de defesa da cidadania.

A realização de Congressos e Seminários Técnicos dirigidos a profissionais da área da gerontologia e a todos os interessados no trabalho com pessoas idosas é outra atuação do SESC dentro da proposta do Trabalho Social com idosos, que, dessa forma, vem incentivando a pesquisa e a reflexão sobre a prática cotidiana com idosos, na perspectiva do aperfeiçoamento profissional contínuo. Os treinamentos a funcionários que atuam nesta área, bem como as participações em congressos nacionais e internacionais caminham na direção de uma qualificação permanente do quadro de colaboradores da entidade.

Lançada em 1988, a Revista “A Terceira Idade”, editada pelo SESC de São Paulo, representa uma das principais publicações brasileiras do gênero, além de ter sido uma das primeiras revistas editadas sobre esta temática. Constitui-se num importante espaço para divulgação de pesquisas gerontológicas e é referência, em todo país, como fonte de consulta para trabalhos na área do envelhecimento. Abrange pesquisas, experiências e artigos teóricos, além de entrevistas com personalidades idosas que obtiveram notoriedade nos diversos campos do conhecimento. Esse periódico é distribuído em bibliotecas de instituições sociais, universidades e órgãos do governo.

Tendo em vista as ações no campo do envelhecimento expostas acima, observa-se que o trabalho com idosos do SESC vai além de suas características de incentivo ao lazer, ao

associativismo e à informação, mas, também, tem como objetivo aproximar os idosos das grandes questões nacionais, bem como dos problemas que interferem na sua qualidade de vida, sempre no sentido de levá-los, de alguma forma, a uma participação mais ativa em suas comunidades.

Assim, ressalta-se o objetivo do Trabalho Social com Idosos do SESC, que é: propiciar, a partir da melhoria da qualidade de vida em seus múltiplos aspectos (material, emocional, cultural e social), a efetiva inclusão e valorização do idoso na sociedade, para que este exerça de forma plena a sua cidadania. Este trabalho representa uma garantia de espaço e participação, lazer, aprendizagem, troca de experiências, formação e ampliação do círculo de amizade e crescimento pessoal, condição essencial para que todo ser humano viva e sinta-se mais pleno.

Cabe ressaltar que o Trabalho Social com Idosos do SESC está presente em todo Brasil e se adapta às especificidades de cada estado onde é desenvolvido, sendo moldado de acordo com as circunstâncias locais, à disponibilidade de recursos e às necessidades da clientela de cada localidade brasileira em que se encontra. Nesse sentido, afirma Miranda (1994, p. 10), que “[...] em virtude das diferenças regionais, a entidade atinge praticamente os idosos de todas as camadas sociais”.

O trabalho que o SESC desenvolve na área da gerontologia há 45 anos, foi se tornando cada vez mais conhecido e hoje está consolidado como referência em todo território nacional, em todas as ações que dizem respeito à questão da velhice em nosso país. Ao longo de sua existência, passou por várias fases e reformulações, sempre na prerrogativa da melhoria de sua atuação no campo do envelhecimento, sendo um dos resultados mais importantes deste trabalho a repercussão desta iniciativa junto a alguns setores da sociedade que, sensibilizados, começaram projetos semelhantes.

2.3 Políticas de atenção ao envelhecimento no Brasil x contribuição do SESC

Como visto anteriormente, o Brasil durante muito tempo foi considerado um país jovem. Por este motivo, políticas públicas e sociais voltadas à satisfação das exigências e necessidades dos idosos eram pouco discutidas. Entretanto, o aumento da expectativa de vida, por ora vivenciado no país, vem sinalizando o delineamento de uma significativa mudança no perfil

demográfico brasileiro e, por conseguinte, uma maior atenção à questão do envelhecimento, que, nessas últimas décadas, experimentou avanços significativos no campo das políticas sociais.

Em busca de uma melhor compreensão dos avanços no campo das políticas públicas referentes ao envelhecimento, faz-se necessário realizar um breve resgate da história das políticas de atenção ao idoso no Brasil.

As leis voltadas para a proteção da pessoa idosa no Brasil datam de 1973 com a concessão, pelo Ministério do Trabalho²¹ e Instituto Nacional de Previdência Social (INPS)²², da aposentadoria-velhice, sendo destinada à homens e mulheres a partir dos 60 anos de idade. A Renda Mensal Vitalícia, também foi instituída em 1973, oferecendo 60% do salário mínimo para pessoas com mais de 70 anos.

No ano de 1982, foi realizado o Congresso Mundial sobre Envelhecimento, em Viena, que teve coordenação das Nações Unidas, e resultou na aprovação do primeiro Plano de Ação Internacional sobre Envelhecimento, representando um marco para a formação de uma consciência de atenção ao idoso, trazendo repercussões no Brasil e em todo mundo. Neste mesmo ano houve, no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, a realização da primeira Assembléia Nacional de Idosos, que contou com a participação de 2.200 idosos de 22 estados brasileiros e culminou com a inclusão de alguns parágrafos na Constituição, dedicados a conquista de direitos, podendo refletir em melhoria da qualidade de vida dos mais velhos (RODRIGUES E MAGALHÃES, 2008, p. 161).

Através da promulgação da Constituição Federal de 1988, o Brasil deu um passo importante na trajetória de atendimento à pessoa idosa. O texto constitucional trabalha a idéia de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social redimensionasse o seu enfoque assistencialista e enfatizasse uma noção ampliada de cidadania tendo caráter universalizante, objetivando, assim, assegurar direitos relativos à saúde, previdência e assistência social, citando,

²¹ O Ministério do Trabalho foi criado em 1930, marcando o início do tutelamento sindical, ou seja, a partir de sua criação, os demais ministérios deveriam ser reconhecidos e controlados por este Ministério.

²² O Instituto Nacional de Previdência Social foi criado em 1966, mas, só começou a funcionar a partir de 10/01/1967. Com este instituto, houve a centralização do regime previdenciário, ou seja, a fusão de todos os institutos de pensão e aposentadoria existentes.

pela primeira vez, o idoso como cidadão em seus artigos 203, 229 e 230²³. Segundo Haddad (2000, apud VIVAN, 2007, p.21), “a partir dos objetivos a que se destina a seguridade social seria possível observar considerável avanço na condição de vida dos idosos, por configurar uma nova organização das políticas que sustentam tal sistema”.

Passados nove anos do Plano de Viena, em 1991, vivenciamos a adoção da Carta de Princípios para a pessoa idosa da Organização das Nações Unidas – ONU – constando em seus princípios: participação, auto-realização, independência e dignidade.

Em 1994, o Brasil, buscando adequar-se às recomendações da ONU, assim como à própria Constituição Federal em vigor, criou, através da Lei nº. 8.842, a Política Nacional do Idoso que dispõem sobre normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo-lhes autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, constituindo-se num importante instrumento de cidadania.

Com a aprovação da Política Nacional do Idoso e sua implementação [...] fica claro o papel do Estado diante da questão social do idoso: consolidar uma disposição em transformar o idoso em um sujeito assistido, em um cliente com autonomia; privilegiar prevenção no lugar de “tratamento”, “cedendo”, ainda que, indiretamente, parte das responsabilidades sobre a forma como se envelhece para o próprio sujeito, bem como estabelecer parcerias e divisão de responsabilidades junto a outros agentes (LIMA, 2001, apud MEDEIROS, 2006, p.40, grifo do autor).

²³ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, consta nos seguintes artigos, referente à pessoa idosa, que:

Art. 203- A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e a *velhice*;

V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao *idoso* que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

Art. 229- Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

Art. 230- A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhe o direito à vida.

Em 2002, foi elaborado o segundo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, em Madri, sendo acordada um amplo espectro de recomendações de caráter social, político e econômico, que visam permitir superar o desafio de melhorar significativamente a situação dos idosos. Entre suas recomendações, podemos citar: a participação ativa dos idosos na sociedade e no desenvolvimento; emprego e envelhecimento da força de trabalho; acesso dos idosos ao conhecimento, educação e à capacitação; erradicação da pobreza, abandono, maus-tratos e violência contra a pessoa idosa, entre outros.

Em decorrência da aprovação dos Planos de Ação Internacional sobre Envelhecimento, do compromisso dos países, inclusive o Brasil, em seguir suas recomendações, além de uma ineficaz implementação das políticas públicas estabelecidas na Política Nacional do Idoso, mais uma vez, houve um movimento em prol dos direitos dos idosos, resultando na criação do Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741) em 2003, trazendo um maior suporte à política social voltada à pessoa idosa no Brasil.

Ressalta-se que, antes mesmo da existência de políticas públicas voltadas à questão da velhice, algumas instituições já executavam trabalhos voltados à pessoa idosa e têm merecido destaque por sua atuação na trajetória do envelhecimento no Brasil. O Serviço Social do Comércio (SESC) é um exemplo disso, sendo pioneiro no trabalho social com idosos no país (como citado anteriormente). Segundo Miranda (1994), este trabalho inédito do SESC veio revolucionar o conceito de assistência social à pessoa idosa, o que foi decisivo na deflagração de políticas de proteção a este segmento social. Além disso, também devemos pontuar a atuação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)²⁴ e da Associação Nacional de Gerontologia (ANG)²⁵.

²⁴ A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) foi fundada em 1961, na cidade do Rio de Janeiro, quando um grupo de profissionais percebeu que em um futuro muito próximo, o Brasil não seria mais um país tão jovem e, por isso, precisava preparar-se técnica e cientificamente para enfrentar o desafio de garantir qualidade de vida aos idosos. Constitui-se numa associação civil, sem fins lucrativos, que tem como objetivo principal congregar médicos e outros profissionais de nível superior que se interessem pela Geriatria e Gerontologia, estimulando e apoiando o desenvolvimento e a divulgação do conhecimento científico na área do envelhecimento. Site da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Disponível em <www.sbgg.org.br>. Acesso em: 5 de junho 2008.

²⁵ Fundada em 1985, a Associação Nacional de Gerontologia do Brasil (ANG), desenvolve ação política e técnico científica junto à órgãos públicos, entidades privadas e comunidade em geral. Atua em âmbito nacional na produção e socialização do conhecimento técnico científico e ao longo de sua trajetória realizou importantes contribuições para elaboração e aprovação de políticas direcionadas ao idoso. (VIVAN, 2007, p.23).

Neri et al (2004, apud VIVAN, 2007, p.24), afirmam que “a inserção do SESC no cenário Gerontológico brasileiro, na década de 1960, trouxe grandes contribuições para a formação de recursos humanos na área da Gerontologia, permitindo ser comparado em importância com a SBGG”.

A proposta do SESC, fundamentalmente educativa, contribuiu para mudar a imagem do idoso, estigmatizado por uma série de estereótipos em nossa sociedade. Ademais, permitiu à sociedade em geral e ao poder público uma tomada de consciência da necessidade de proteção social voltada à pessoa idosa e um olhar mais atento à questão social da velhice, o que, conseqüentemente, colaborou para uma valorização e uma nova trajetória para o envelhecimento em nosso país.

Não menos importante foi o resultado dessa ação pioneira do SESC, junto ao próprio idoso, que a partir dos encontros de idosos, realizados desde 1982 pela referida instituição, pôde identificar sua problemática dentro da sociedade e reivindicar por melhorias na sua condição de invisibilidade política no país. Estes encontros, muito contribuíram para a formação de uma consciência política nos idosos, boa parte deles, por exemplo, tornaram-se autênticos militantes políticos que lutam pelos seus direitos, figurando no cenário nacional como uma grande força de pressão junto ao Congresso e ao Executivo ou sendo membros de Conselhos de Direitos dos Idosos.

Ainda que trabalhos como o desenvolvido pelo SESC sejam de extrema importância, cabe ressaltar que o Estado não pode eximir-se de suas responsabilidades no que tange a atenção voltada à questão do envelhecimento.

É notório que ocorreram muitos avanços ao longo dos anos no que se refere à legislação voltada à velhice e a melhoria de vida da população idosa. Todavia, é importante destacar que muito ainda precisa ser feito. Vários mitos sobre o envelhecimento ainda existem, como: da improdutividade, falta de espaço profissional, fim da vida sexual, entre outros e, também, ainda se enfrenta muita dificuldade na aplicação efetiva das políticas públicas concernentes à pessoa idosa. “Hoje o velho tem direitos garantidos legalmente, porém com risco de se tornarem letra morta, pois a sociedade tem acirrado os valores negativos em relação à velhice, e o modelo

neoliberal coloca em risco os direitos até então conquistados” (SILVA, 2003, apud MEDEIROS, 2006, p.41).

O Estado neoliberal, cada vez mais, procura desobrigar-se dos encargos sociais, transferindo-os às instâncias privadas e à sociedade civil, este Estado tem transformado os direitos sociais em favores ou mera caridade, não produzindo políticas universais e sim políticas “focalistas”, compensatórias que atendem apenas aqueles que se encontram em situação de extrema miserabilidade.

O estabelecimento de leis que realmente representem um avanço nas políticas sociais em nosso país, como o Estatuto do Idoso, é fruto de uma luta árdua. No entanto, mais complexa ainda é a aplicação da lei. Para que ocorra uma mudança significativa dessa situação, e que as políticas públicas voltadas à velhice sejam realmente efetivadas, faz-se necessário que a sociedade brasileira reflita sobre a questão social dos velhos e que estes, também, façam valer seus direitos. Cenário propício para efetivação de tais políticas já existe, pois estas já estão garantidas legalmente, faltam apenas forças sociais com efetivo poder de pressão para cobrar do poder público sua concretização e transformá-las em ações de fato.

2.4 Trajetória do Trabalho Social com Idosos do SESC Unidade Florianópolis

Como citado anteriormente o Trabalho Social com Idosos do SESC vem sendo desenvolvido em diferentes estados da federação, inclusive em Santa Catarina, que iniciou suas atividades junto ao segmento idoso durante a década de 1970.

Considerando que a questão norteadora deste estudo é o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos na Unidade de Florianópolis a partir do ano de 2008, e que a intervenção da pesquisadora como estagiária de Serviço Social, durante o ano de 2007 e primeiro semestre de 2008, se deu na área da Assistência Social – Setor de Grupos – desta respectiva Unidade, evidenciaremos aqui, apenas a ação gerontológica realizada pelo SESC na Unidade de Florianópolis.

Para melhor compreendermos como o trabalho social com grupos de idosos do SESC/Florianópolis começou no ano de 1978, faz-se necessário buscar em anos anteriores a compreensão de como ocorreu o início deste trabalho na referida instituição. Realizaremos esta retomada a partir de agora.

Em 1967 foi criado no SESC/Florianópolis o Clube de Mães, que consistia num trabalho de motivação voltado às mães das crianças que participavam da recreação pré-escolar. Aos poucos esse grupo foi aumentando em número de participantes e definindo o trabalho a ser desenvolvido, que abrangia realização de festas, visitas às participantes do grupo e integração familiar. Destaca-se, que os maridos das respectivas participantes as acompanhavam até a instituição e enquanto elas realizavam o encontro do Clube das Mães, eles ficavam conversando. Em vista disso, através da motivação da então Assistente Social da instituição foi criado o Clube de Pais.

Salienta-se que o trabalho com grupos realizado praticamente desde o início da criação do SESC, sempre foi desenvolvido, por Assistentes Sociais. Em 1951, quando foi realizada a Convenção Nacional dos Técnicos do SESC, na cidade de Bertioga –SP, estabeleceu-se como prioridade da instituição para os próximos anos a educação e recreação, como já citado anteriormente. Nessa fase o Serviço Social passou a desenvolver trabalho com grupos nos setores de Recreativismo, Clube dos Comerciantes, Colônias de Férias e Atividades Culturais. Diante disso, algumas dificuldades surgiram, devido às poucas escolas de Serviço Social que existiam no país, além disso, muitos profissionais não se sentiam qualificados para desempenhar o trabalho que lhes era solicitado. Assim, tendo em vista o aperfeiçoamento de técnicos em Serviço Social, para suprir a carência existente no setor, o SESC passou a investir na criação de centros de treinamentos e cursos de capacitação para profissionais dessa área. (BRANDÃO, 1997 apud RECH, 2006).

De certa forma, o trabalho com idosos no SESC teve sua origem nas experiências vivenciadas durante o Trabalho com Grupos desenvolvido pelo Serviço Social (RECH, 2006).

Voltando-se a história do trabalho com idosos do Centro de Atividades do SESC de Florianópolis, salienta-se que num dado momento, anos após a criação dos clubes, seus participantes, tanto do clube das mães como dos pais, acharam que seria melhor realizar a união

desses dois grupos, surgindo, assim, em 1978 o primeiro Grupo de Idosos do SESC Unidade de Florianópolis, intitulado “A Vida Continua”.

Aos poucos, a participação neste grupo foi aumentando gradativamente, havendo a necessidade de se criar outros Grupos de Convivência, constituídos predominantemente por mulheres, sendo que, apenas o grupo A Vida Continua era formado por casais.

Primeiramente eram desenvolvidos nesses grupos trabalhos manuais, sendo aos poucos substituído por trabalhos voltados ao lazer, bingos, dominó e realização de almoços com o intuito de arrecadar dinheiro para seus passeios.

A procura pelos Grupos de Convivência muito se deve à mudança de mentalidade do idoso, que está buscando, cada vez mais, viver intensamente sua própria vida, realizar novos projetos e sentir-se parte integrante da sociedade, encontrando nos grupos alternativas de participação, lazer e sociabilidade.

Segundo Rech (2006, p.42), “a transformação da realidade social ocasionou uma mudança no modo de pensar do idoso, gerando o aumento da demanda a ser atendida pela instituição que, seguindo seus interesses, buscou sempre a inovação no trabalho que desenvolvia, inovação aliada aos novos interesses da demanda”.

No ano de 1981, a instituição já contava com cinco grupos, “sendo que a motivação para a criação dos grupos ocorreu através da comunicação oral, sem necessidade de utilizar os demais recursos como televisão e rádio” (RECH, 2006, p.38). Nessa mesma década, também foi formado o Coral do SESC, composto por idosos participantes dos grupos, que realizava várias apresentações na comunidade. Em 1984, foi realizada a primeira Colônia de Férias da Terceira Idade, posteriormente divulgada como “Idoso em Movimento”, no Centro de Veraneio de Cacupé, hoje chamado Hotel SESC, este encontro teve duração de dois dias, sendo que nos anos consecutivos passou a ser realizado com duração de três dias. E, em 1989, aproximadamente, foi criado o Grupo de Ginástica da Terceira Idade do SESC, que realizava atividades que visavam à integração entre os Grupos de Idosos (RECH, 2006).

A Feira do Artesanato, que durou cerca de cinco anos, até 1994, também foi outro trabalho expressivo do SESC junto aos idosos dos Grupos de Convivência. Esta feira reunia uma

média de três mil idosos, contando com a presença de representantes dos grupos do SESC e demais instituições que iriam participar vendendo artesanato nas barraquinhas, além da participação de políticos e outras autoridades. Acontecia durante três a quatro dias no Ginásio de Esportes do SESC.

No ano de 1993 foi implantado o Projeto “Era uma Vez...Atividades Intergeneracionais”, sendo uma proposta do Departamento Nacional do SESC e tendo como objetivo principal estimular o estreitamento das relações entre idosos e crianças.

Com o aumento da procura pelos Grupos de Convivência do SESC, uma forma de suprir esta demanda foi aumentar o número de grupos existentes, dessa forma, os encontros, antes semanais, passaram a ser quinzenais. De acordo com Rech (2006, p. 44), “[...] as reuniões semanais possibilitavam uma maior proximidade entre seus membros, a mudança na periodicidade dos encontros fez com que muitas comessem a participar de outros grupos, que não os existentes no SESC”. Até 1994 a Unidade do SESC/Florianópolis contava com cinco grupos de idosos, após essa data, foram criados mais cinco, sendo dois deles grupos de casais. Como havia uma dificuldade de espaço físico, esses dez grupos existentes na unidade tinham que se revezar entre si, eis a razão dos encontros passarem a ser de quinze em quinze dias.

Outra mudança introduzida no trabalho que vinha sendo desenvolvido com os idosos no SESC de Florianópolis foi a utilização de técnicas de dinâmicas de grupo, que tinham como objetivo “[...] o aumento da participação dos integrantes, o questionamento e percepção de temas específicos, fazendo com que eles iniciassem um novo momento do trabalho com Grupos de Idosos”. (RECH, 2006, p.46).

Segundo Rech (2006, p.48), “novas transformações ocorreram no trabalho a ser desenvolvido com o idoso por meio de projetos do Departamento Nacional e também com a criação de projetos locais associados à realidade social que se apresentava à instituição”.

Dessa forma, tendo em vista o aumento significativo da expectativa de vida e as mudanças sociais que esse fenômeno traz, o SESC em Santa Catarina, no ano de 1999, repensa suas ações no campo do envelhecimento e lança um programa que fortalece suas atividades unificando o trabalho das Unidades Operacionais, em todo o Estado, sem deixar de considerar as

especificidades que cada realidade apresenta. Assim, é institucionalizado no estado o Programa da Terceira Idade do SESC, no qual está inserido o Serviço Social.

2.4.1 Programa da Terceira Idade no SESC/Florianópolis

Considerando a estrutura organizacional do SESC; na área da Assistência²⁶, encontrava-se o Programa da Terceira Idade que foi desenvolvido no CAF até dezembro de 2007 e funcionava em três núcleos: Núcleo de Estudos e Atualização, Núcleo de Motivação a Vida e Núcleo de Vivência. Ressalta-se que esta estrutura por núcleo foi adotada em todo Estado de Santa Catarina e posteriormente, permaneceu apenas no SESC Unidade de Florianópolis.

O Núcleo de Estudos e Atualização tinha como objetivo promover reflexões, debates e vivências com profissionais de diversas áreas, através do Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade (GRUPATI). Este grupo era caracterizado por uma nova metodologia de grupo social, apresentando como proposta a educação para idosos, permitindo novas e diferentes formas de aprendizagem, no sentido de trazer assuntos que se adequassem à realidade vivenciada. Destaca-se, que o grupo em questão, a partir de 2008, deixou de existir na Unidade SESC/Florianópolis, haja vista que a nova proposta de trabalho colocada em prática no ano 2008, a qual é objeto deste estudo e será melhor abordada na terceira seção, está centrada nesses objetivos, não havendo mais a necessidade de um grupo diferenciado que trabalhe dentro desta proposta, já que agora, todos os grupos de idosos desta Unidade do SESC trabalharão nessa perspectiva, desta forma, este núcleo foi extinto a partir de 2008.

O Núcleo de Motivação a Vida, que continua a existir no CAF só que com algumas modificações que serão posteriormente abordadas neste trabalho, tem por objetivo propiciar condições para que o idoso sinta-se atuante e valorizado, adquirindo, assim, novas habilidades.

²⁶ A Assistência Social é concebida como uma política social pública que, inserida no tripé da Seguridade Social junto a Saúde e a Previdência, deve ser prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social; deve prover mínimos sociais, através da integração de iniciativas públicas e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades sociais básicas (BRASIL. Política Nacional de Assistência Social. Ministério do desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: nov. 2004).

Anteriormente à mudança no trabalho com idosos, este núcleo contava o projeto de socialização grupal, desenvolvido com o objetivo de integrar os participantes dos diferentes grupos existentes na instituição, o que proporcionava ao idoso uma participação mais dinâmica dentro dos espaços do SESC. Acontecia através de ações comemorativas de integração por meio de temáticas diferenciadas.

Já o Núcleo de Vivência, que também continua a existir, claro que com algumas importantes modificações, é composto pelos Grupos de Convivência, pelo Grupo Expressão Vital que trabalha a questão da arte e, também, pelo projeto Era uma Vez...Atividades Intergeracionais, que está há algum tempo sem ser desenvolvido na Unidade do SESC de Florianópolis, porém, será retomado ainda em 2008, e em outras Unidades do estado ele continua a ser realizado. Este projeto e o Grupo Expressão Vital serão melhor abordados ao longo do desenvolvimento deste estudo.

Tendo como objetivo a otimização do Trabalho Social com os Idosos, propôs-se em 2007 a ampliação do Projeto de Socialização Grupal, efetivando-se como um projeto integrado, isto é, envolvendo a atuação direta das outras áreas de trabalho do SESC, intitulado “Viver Bem a Idade que se Tem”.

Este projeto veio abrir “novos horizontes” para o trabalho gerontológico do SESC, desenvolvido até então na Unidade de Florianópolis, já que, há algum tempo, vinha-se apresentando a necessidade de mudanças na dinâmica de trabalho, sendo que a grande maioria dos idosos participantes dos grupos de convivência já está há muito tempo na instituição e sentia a necessidade de atividades diferentes das realizadas até então, atividades estas, que possibilitassem a dinamização dos encontros grupais. Em vista disso, cabe ressaltar que a estrutura do Programa da Terceira Idade, apresentada acima, sofreu modificações a partir de 2008.

Assim, na próxima seção, nos aprofundaremos no redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis, abordando o porquê da mudança deste trabalho; quais os pontos que diferenciam a nova proposta da anterior realizada e apresentaremos a nova estrutura do Programa da Terceira Idade.

SEÇÃO III

O REDIMENSIONAMENTO DO TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS DO SESC/FLORIANÓPOLIS

O objetivo desta seção é apresentar, na íntegra, como se deu o processo de mudança do Trabalho Social com Idosos do SESC de Florianópolis.

Primeiramente, realizaremos uma explanação dos motivos que levaram o redimensionamento do trabalho voltado aos idosos até então desenvolvido no Centro de Atividades de Florianópolis (CAF). Em seguida, faremos uma exposição do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, abordando sua importância na concretização de uma nova metodologia de trabalho empregue nos grupos de convivência da referida unidade.

Na seqüência, descreveremos e analisaremos como a mudança está acontecendo e quais os pontos que diferenciam a nova proposta de trabalho da anterior realizada. Aliado a isso, está à discussão referente ao papel interventivo do Serviço Social frente ao Projeto Viver Bem e as mudanças trazidas por ele.

Convém esclarecer que serão usados trechos da entrevista (**roteiro em anexo**) realizada com a Assistente Social do SESC de Florianópolis, que será identificada com a sigla (ASCT) que significa: Assistente Social Coordenadora do Trabalho.

3.1. Por que mudar?

No decorrer do desenvolvimento das ações voltadas aos idosos participantes dos grupos do SESC de Florianópolis, constantemente são efetuadas avaliações da proposta por ora realizada, sendo que a partir da demanda apresentada a instituição, através do Setor de Grupos, área que coordena as atividades realizadas nos grupos de idosos, procura implementar novas ações, claro, que de acordo com os recursos financeiros, técnicos e humanos necessários à efetivação de tal trabalho.

O processo de avaliação de cada trabalho realizado com os grupos vai ao encontro à lógica de identificação dos pontos a serem melhorados e daquilo que deve permanecer e/ou ser intensificado na pauta dos grupos. Funciona como um mecanismo para proporcionar mudanças e transformações nas atividades que não conseguem mais corresponder aos anseios dos idosos. Consequentemente, a avaliação propicia uma otimização do trabalho.

A partir da avaliação, chega-se à respostas sobre a eficácia e efetividade de um programa ou projeto, então, neste sentido, a função da avaliação é julgar, informar, detectar eventuais falhas e analisar os méritos dos programas, assim, com isso, permite a correção e confirmação de rumos (FARIA, 2001).

O processo de avaliação possibilita revisar o desempenho dos participantes dos grupos nas atividades realizadas, identificando as necessidades que não estão conseguindo ser supridas, além de verificar se as expectativas criadas por cada participante estão correspondendo com o que de fato está sendo colocado em prática.

Para a instituição executora do projeto, a avaliação é de fundamental importância, no que se refere à sua segurança e é o procedimento que garante a confiabilidade do público-alvo e da sociedade onde ela se insere (NOGUEIRA, 2002).

Segundo Carvalho (1997 apud NOGUEIRA, 2002), a avaliação deve ser contínua e abranger os atores envolvidos na apreciação dos resultados, além de propiciar aos integrantes, sejam usuários ou equipe gestora, o exercício da ação reflexiva.

Assim, entende-se que “a avaliação é parte essencial da formulação e implementação dos programas sociais, contribuindo para seu aperfeiçoamento” (FARIA, 2001, p. 48-49).

Nestas avaliações realizadas com os idosos dos grupos do SESC/Florianópolis são coletados dados através de questionários, entrevistas e reuniões grupais. Estes dados fornecem esclarecimentos necessários para a formulação de novas ações que atendam as demandas apresentadas. De acordo com Tatagiba e Filártiga (2001, p. 44), “o grupo é responsável pela construção do material que será trabalhado, a partir da demanda do próprio grupo”.

Para se conhecer a demanda do grupo, além dos dados coletados durante as avaliações, também são usadas outras fontes de informação como, por exemplo, a observação direta, sendo esta realizada permanentemente pela Assistente Social coordenadora do trabalho com grupos e as estagiárias de Serviço Social.

A coleta de dados deve ser realimentada constantemente por observações, informações oriundas de novos estudos e pesquisas e/ou avaliação da ação desencadeada. Os dados coletados devem referir-se aos seguintes aspectos: dados de situação; dados da instituição onde a ação será realizada; e dados da legislação que dará apoio à ação (BAPTISTA, 2003).

Segundo ASCT (2008), nos últimos cinco anos os idosos apontaram, em avaliações realizadas, insatisfações e questionamentos das práticas realizadas nos grupos, evidenciando que as atividades “não estavam mais a contento de todos”. Apresentaremos agora algumas das falas dos idosos apresentadas em avaliações realizadas nos anos de 2005 e 2006²⁷:

faltam mais atividades; existem poucas palestras com médicos geriatras, gerontólogos, dentistas entre outros profissionais...; falta música, cantos, grupos de dança, teatro; deveria ter reunião toda semana; o grupo está muito parado; precisamos de mais palestras sobre direitos dos idosos; precisamos de mais distrações como exercícios, danças, fazer teatro e outras coisas para distrair; precisa diversificar as atividades: mais dinâmicas, trazer mais informações, gincanas, palestras, principalmente na área da saúde e social; encontros quinzenais prejudicam a integração; faltam oficinas de tricô, crochê, bordados e de outras coisas; precisa contratar profissionais habilitados em dança, teatro, música, etc.

Após a realização de qualquer avaliação, faz-se necessário analisar os dados coletados. A análise dos dados obtidos permite a constatação de fatos e tendências da questão pesquisada, bem como, identifica a natureza e a magnitude das questões mais relevantes (BAPTISTA, 2003).

Ainda de acordo com Baptista (2003), por meio da análise dos dados, chega-se a um panorama geral da situação, tem-se, assim, um conjunto de informações que se constitui em subsídios que permitem localizar, compreender, explicar e prever tendências de uma dada conjuntura e com isso acumular elementos que permitam esboçar alternativas viáveis de intervenção.

Assim, a partir da análise das falas apresentadas em avaliações realizadas nos grupos de idosos durante os últimos cinco anos, chegou-se a conclusão que os idosos buscavam algo a mais do que o convívio e a socialização, queriam, principalmente, encontros mais movimentados privilegiando a questão das artes, além da aquisição de novos conhecimentos, sobretudo com relação a seus direitos e cuidados relacionados à saúde.

Ademais, cabe ressaltar que o SESC já vislumbrava um novo momento para o trabalho desenvolvido com os idosos na Unidade Florianópolis, já que algumas atividades realizadas nos grupos não estavam mais condizentes com os objetivos do Trabalho Social com Idosos, que é, principalmente, propiciar ao idoso melhores condições de vida, tirando-se o máximo proveito de suas potencialidades.

Todavia, paradoxalmente o apresentado nas avaliações realizadas, havia dificuldades em oferecer atividades diferentes nos grupos, devido o medo, por parte dos idosos, de mudanças na rotina dos encontros. De acordo com ASCT (2008), “a Política Institucional para o idoso não vinha sendo implementada na sua integridade por conta das muitas resistências apresentadas pelos idosos”.

Geralmente o idoso desconfia de tudo, é avesso a mudanças, tem conceitos bem arraigados sobre a maioria das questões propostas, sendo resistente a novidades. Ele acha que é melhor ficar como está, é mais seguro do que se aventurar a alterar sua rotina [no caso dos idosos do SESC/Florianópolis havia uma grande contradição: resistência a novas atividades, mas, por outro lado reclamações que os encontros estavam desinteressantes] A passividade é característica dessa fase. É importante deixá-lo bem a vontade, descontraído e relaxado, para conseguir introduzir novas idéias e conceitos (POZZO, 2001, p. 23).

Tendo em vista a análise dos dados coletados nas avaliações realizadas nos grupos de convivência; o número significativo de idosos que procuravam o SESC na esperança de encontrar atividades diferentes das demais existentes na comunidade; além é claro da característica do SESC de estar sempre atualizando suas ações em todas as áreas que atua, não sendo diferente no trabalho que desenvolve com idosos, lembrando que se trata de uma instituição referência no campo da gerontologia no país, a mudança se mostrava cada vez mais necessária. Porém, para a

²⁷ SESC. Relatórios de avaliações com grupos de convivência. Documento institucional. Florianópolis. 2005; 2006.

real concretização de uma nova proposta de trabalho alguns fatores deveriam ser levados em consideração.

A partir dos dados levantados que evidenciam a necessidade de mudança, é preciso verificar os recursos humanos, econômicos e institucionais disponíveis, qualquer modificação realizada deve corresponder aos objetivos reais da organização e também deve ser viável, ou seja, deve ser exequível, deve apresentar um bom nível de viabilidade técnica e econômica: de acesso a recursos técnicos e materiais para sua execução; de possibilidade de obtenções de recursos institucionais de apoio, necessários a sua efetivação (BAPTISTA, 1981).

No caso do trabalho com idosos do SESC/Florianópolis, antes de 2007 ainda não havia uma previsão orçamentária para a contratação de profissionais que desenvolvessem atividades diferenciadas nos grupos. Em 2007, um fato de significativa importância aconteceu: foi possível colocar em prática o Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, marcando o início da caminhada rumo ao redimensionamento do Trabalho Social com Idosos desta respectiva unidade.

3.2 Projeto Viver Bem a Idade que se Tem: um caminho para a mudança

O envelhecimento populacional configura a necessidade de novas ações sociais capazes de absorver a demanda dos idosos, de forma que essa etapa do ciclo da vida não represente um tempo de empobrecimento material e vazio social (SALGADO, 2007). Assim, diante o exposto, percebe-se a necessidade da criação de espaços de participação diferenciados para os idosos, para que este segmento populacional seja estimulado a “viver mais e melhor” e que possa trabalhar suas potencialidades, tornando-se membros participativos da dinâmica social.

Aliado a esta questão, destaca-se que a Unidade do SESC/Florianópolis, há algum tempo, já apontava dificuldades com relação à garantia da inclusão de novos idosos nos grupos, considerando o número elevado de participantes existentes. Constata-se que a cada ano a demanda vem crescendo, e paralelo a isso a realidade também sinaliza a necessidade de novas formas de atuação. Com o objetivo de atender esta demanda e proporcionar novas alternativas de

participação aos idosos já pertencentes aos grupos de convivência, propôs-se em 2007, a implantação de um novo projeto chamado: “Viver Bem a Idade que se Tem”.

Este projeto trata-se de um encontro mensal que reúne atividades diferenciadas que proporcionem entretenimento, conhecimento, aprendizado e valorização de potencialidades. A princípio tal projeto era realizado nas dependências do SESC de Florianópolis mensalmente (nas primeiras quintas-feiras de cada mês), a partir de 2008, com a mudança do Trabalho Social com Idosos, este projeto passou a ser realizado em datas e locais diferenciados.

O projeto Viver Bem a Idade que se Tem é a ampliação do Projeto de Socialização Grupal para uma ação mais sistemática e com maior dimensão, visto que conta com a participação direta das outras áreas de atuação do SESC.

Este projeto vai ao encontro o estabelecido no Estatuto do Idoso que, entre outras determinações, dispõe que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, art. 3º, 2003).

Visando uma melhor formatação, o projeto é composto por eixos temáticos que serão desenvolvidos em todos os encontros, são eles:

Movimento – está ligado às diversas dimensões do ser humano, permitindo por meio do movimento vivenciar atividades que valorizam o corpo e os aspectos cognitivos. De acordo com Santos et al (2004 apud SOUZA, 2005, p. 13):

Se o movimento é primordial nas etapas iniciais da vida, durante o envelhecimento ele é imprescindível. Isto se deve à necessidade do idoso em adaptar-se ao corpo em envelhecimento, o que reflete de forma marcante no grau de autonomia/independência destes indivíduos.

Memória – contempla e trabalha os diversos tipos de memória favorecendo e ampliando os aspectos sociais e cognitivos inerentes ao envelhecimento. Através da neurociência, sabe-se que apesar de envelhecer, o cérebro continua possuindo capacidade de crescer, adaptar-se a mudanças e conservar a memória (RODRIGUES; MAGALHÃES, 2008).

Todavia, para que isso aconteça, faz-se necessário exercitar o cérebro, mantendo-o ativo e saudável, para que, assim, as informações sejam preservadas. Se o cérebro não é exercitado acaba atrofiando. Para a atividade intelectual, as estimulações sensoriais são essenciais e desempenham um papel importante na manutenção da saúde cerebral (FERRARI, 2000).

Ainda neste viés, Beauvoir (1990, p. 44) expõe que: “[...] do conjunto de testes e de estatísticas emerge uma importante conclusão: quanto mais elevado é o nível intelectual do indivíduo, mais fraco e lento é o decréscimo de suas faculdades. Se ele continua a exercitar sua memória e sua inteligência, pode conservá-las intactas”.

Criatividade – valorização da cultura e das experiências de vida (encontro artístico onde os idosos podem apresentar suas habilidades artísticas; aprendendo e ensinando, onde ocorre a socialização de conhecimentos como de crochê, tricô, entre outros). Segundo Ferrigno (1998), o trabalho voltado a artes é muito importante para despertar o potencial das pessoas idosas, conseqüentemente contribui para torná-las mais felizes, porque ajuda a aumentar sua autoconfiança, mexe intensamente com as emoções de quem a vivencia e com a vaidade das pessoas. Além disso, a troca de conhecimentos proporciona um sentido de utilidade à vida das pessoas.

Autonomia – visa estimular o crescimento pessoal e o acesso a informações sobre direitos do idoso e novas formas de conhecimento. Através da apreensão de novos conhecimentos o idoso consegue angariar meios para vencer os desafios impostos pela idade e pela sociedade. O acesso à informação, principalmente no que tange seus direitos, possibilita ao idoso despertar para uma consciência crítica e caminhar em busca de um envelhecimento bem-sucedido, ou seja, atualizando-se ele pode estar participando mais ativamente de atividades culturais, sociais e políticas. Estar a par da realidade em que vive, proporciona ao idoso uma maior autonomia, para que assim, ele possa exercer de forma plena sua cidadania, conquistando novos espaços sociais, reivindicando e discutindo formas de melhorar a qualidade de suas vidas. (SANTOS; SÁ, 2003).

Com relação ao SESC o que se pretendeu alcançar a partir da implantação deste projeto foi a otimização do trabalho com idosos e conseqüentemente a ampliação das oportunidades de participação desse público; além do desenvolvimento de uma programação diferenciada e atrativa ao idoso, focalizando o SESC como referência e proporcionando uma maior visibilidade institucional.

Já com relação ao idoso o projeto visou incentivar ações que aumentassem o nível de informação, favorecendo a melhor compreensão de si mesmo, da sociedade, a valorização e aproveitamento da cultura e das experiências vivenciais, através de atividades ocupacionais, garantindo, dessa forma, uma maior participação social e sentido de utilidade à vida.

Para a sociedade o estabelecimento deste referido projeto possibilitou a criação de espaços socialmente produtivos que possibilitam a participação e ocupação dos idosos, assim como, ações que contribuam para modificar os preconceitos culturais com relação à velhice. Destaca-se que o projeto em questão permite a participação de idosos da comunidade, não sendo uma ação exclusiva dos integrantes dos grupos da Unidade Florianópolis.

Assim, percebe-se que este projeto oportuniza novos espaços e alternativas de participação aos idosos da comunidade em geral, contribuindo para o aperfeiçoamento intelectual e cultural dessas pessoas, permitindo, que elas tenham acesso a informações sobre seus direitos e cuidados relacionados à saúde física e mental, como, também, ao lazer e ao entretenimento. O Estatuto do Idoso afirma que:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [...] assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, art. 2º, 2003).

Já no artigo 3º, parágrafo VII, o Estatuto do Idoso estabelece “a criação de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento” (BRASIL, 2003). No que se refere à questão da educação, cultura, esporte e lazer, o Estatuto dispõe no seu artigo 20 que: “o idoso tem direito a educação,

cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003). Observa-se, com isso, que o referido projeto procura adequar suas ações dentro do que é estabelecido na legislação vigente de atenção a pessoa idosa no Brasil.

O projeto Viver Bem a Idade que se Tem foi levado a conhecimento dos grupos de idosos do SESC/Florianópolis entre os meses de março e abril de 2007, quando a Assistente Social, coordenadora do Setor de Grupos, e suas estagiárias realizaram um trabalho de divulgação e sensibilização nos grupos. Salienta-se que houve uma boa receptividade por parte dos idosos, que demonstraram interesse em participar.

No dia 11 de abril de 2007 foi realizada uma reunião com a equipe técnica da Unidade para a apresentação da proposta. Houve o comprometimento dos técnicos em contribuir para a viabilização do projeto, a única exigência foi um prazo maior para pensar, discutir e planejar as atividades que seriam desenvolvidas por cada área.

Cabe ressaltar que este projeto visa um trabalho multidisciplinar, onde cada área de atuação do SESC contribuiu com seus conhecimentos e práticas. Segundo Silva, M. (2008)²⁸, “entende-se por *disciplina* diferentes domínios de conhecimento, na medida em que são sistematizados de acordo com critérios específicos que determinam rigidamente os limites entre os campos do saber”. Ainda de acordo com esta autora:

A multidisciplinaridade propõe uma estrutura em que a solução de um problema utiliza informações de duas ou mais especialidades sem que as disciplinas levadas a contribuir para aquelas que a utilizam sejam modificadas ou enriquecidas. Estuda-se um objeto de estudo sob vários ângulos, mas sem que tenha havido antes um acordo prévio sobre os métodos a seguir e os conceitos a serem utilizados (SILVA, M., 2008).

O trabalho multidisciplinar, segundo Born (2000), é aquele formado por profissionais de diversas áreas, que se integram em busca da concretização de uma tarefa em comum. “A sua

²⁸ ²⁸ Texto: Da disciplina a transdisciplinaridade. Disponível em: <<http://br.geocities.com/vicerap/Transdisciplinaridade.html>>. Acesso em: 25 de junho 2008.

composição [da equipe multidisciplinar] variará conforme a natureza do serviço, de acordo com a situação financeira e as diretrizes administrativas da instituição mantenedora do serviço/programa” (BORN, 2000, p. 33).

No que se refere ao campo do envelhecimento, Born (2000, p. 33), ainda complementa que “a necessidade de equipe multidisciplinar é hoje maior, em virtude da participação de maior número de profissionais de formações diversas nos serviços prestados à população idosa, justificando reflexões sobre o tema”. A multidisciplinaridade deve ser privilegiada se o objetivo do trabalho for a qualidade de vida da pessoa idosa (BORN, 2000).

Por esta razão, o Projeto Viver Bem a Idade que se Tem inova o trabalho até então desenvolvido na Unidade do SESC de Florianópolis, trazendo a multidisciplinaridade para a pauta de atuação com os idosos, tendo em vista o estabelecimento de um trabalho de qualidade para este público.

Assim, após um planejamento minucioso por parte de todos os técnicos envolvidos na concretização desta nova proposta, realizou-se no dia cinco de julho, nas dependências da Unidade do SESC de Florianópolis a primeira edição do projeto Viver Bem a Idade que se Tem.

Sobre a questão do planejamento, Baptista (2003, p. 13-14), nos dá sua contribuição, quando expõe que:

O planejamento refere-se, ao mesmo tempo, a seleção das atividades necessárias para atender questões determinadas e à otimização de seu inter-relacionamento, levando em conta os condicionantes impostos a cada caso (recursos, prazos e outros); diz respeito, também, à decisão sobre os caminhos a serem percorridos pela ação e às providências necessárias à sua adoção, ao acompanhamento da execução, ao controle, à avaliação e à redefinição da ação [...] o planejamento é a ferramenta para pensar e agir dentro de uma sistemática analítica própria, estudando as situações, prevendo seus limites e suas possibilidades, propondo-se objetivos, definindo-se estratégias.

Desta forma, ficou definido, em vista o planejamento realizado, que a metodologia do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, consistiria em organizar os idosos em grupos para que assim, eles pudessem percorrer circuitos de atividades pré-estabelecidos, possibilitando-os conhecer e participar de várias atividades diferentes a cada edição realizada. Já foram realizadas

ao longo deste um ano de existência do projeto várias edições, sendo contempladas diversas atividades como: dança Sênior, yoga, dança de salão, amostra de filmes, contação de história, biodança, expressão corporal, tai chi chuan, musicoterapia, e palestras sobre segurança pessoal, iridologia (estudo da íris) e terapias complementares (floral, acupuntura, cromoterapia, entre outras).

No ano de 2008 foi realizada, na Colônia de Férias do SESC/Cacupé, a maior edição do projeto Viver Bem a Idade que se Tem, com duração de dois dias (23 e 24 de abril), intitulada “De volta aos anos Dourados”. Este evento reuniu idosos do SESC de Florianópolis e Estreito e contemplou atividades como: palestra, baile dos anos dourados, serenata, culto ecumênico, biodança, oficinas vivenciais de dança, artesanato, alongamento e relaxamento, além de show de calouros, contando com a participação de idosos nas apresentações de canto, teatro, imitações e danças. Por fim, houve a apresentação do Boi de Mamão.

Os resultados alcançados com o Projeto Viver Bem a Idade que se Tem foram muito significativos, todas as edições contaram com uma presença expressiva dos idosos, tanto do SESC como da comunidade em geral, sendo as atividades muito bem aceitas. Em avaliações realizadas com os idosos participantes do referido projeto foi verificado um grande interesse por atividades como estas, novas e diferentes das então realizadas nos grupos, de acordo com as falas deles esse projeto fez: “movimentar as atividades”. Segundo ASCT (2008):

[...] a implantação do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem permitiu uma nova reflexão do trabalho já desenvolvido possibilitando outros olhares para a demanda que estava reprimida ao longo dos anos. Podemos afirmar que os resultados alcançados com as edições realizadas em 2007 superam todos os objetivos iniciais.

Dessa forma, observa-se que projetos como este, assumem expressiva relevância frente à necessidade de se oportunizar espaços de participação, lazer, ampliação dos conhecimentos e integração, elementos indispensáveis para que os idosos possam reconhecer-se como membros socialmente ativos.

3.3 Enfim, o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis

Tamanho foi o sucesso do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem, em vista a boa adesão e receptividade dos idosos às atividades trazidas por ele, chegou-se a conclusão que seria possível uma mudança na metodologia de trabalho realizada até então. Como visto anteriormente, já se sabia da necessidade de uma revitalização do Trabalho Social com Idosos, já que muitos dos participantes dos grupos de convivência já apresentavam interesse por ações diferenciadas que dessem maior dinamismo aos encontros grupais, dessa forma, para o ano de 2008 a proposta do referido projeto foi intensificada, sendo colocada em prática a cada dia de trabalho com os idosos participantes dos grupos de convivência do SESC/Florianópolis, modificando, assim, a dinâmica do trabalho realizado até 2007, que era predominantemente caracterizado pela convivência.

Em 2008 os grupos de convivência continuaram a existir na instituição, só que tiveram seus encontros otimizados, através de um trabalho intensificado em parceria com diferentes áreas de atuação do SESC (multidisciplinaridade), caracterizando-se numa ampliação do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem. Objetivou-se uma intervenção mais reflexiva, permitindo aos idosos pensar sobre cada ação realizada (práxis), despertando-os para novas habilidades, que resultem numa resignificação de atitudes e conseqüentemente numa nova postura frente à vida.

As atividades pensadas e oferecidas aos idosos a partir de 2008, fruto da mudança na metodologia de trabalho, estão voltadas a assuntos relevantes e que estão em pauta na atualidade. Esta nova proposta de trabalho visa uma maior participação e ocupação dos idosos, conseqüentemente, favorece que os membros participantes dos grupos se reconheçam como sujeitos através de ações que venham despertar uma reflexão crítica das condições em que vivem, ou seja, tendo como finalidade estimular os sujeitos participantes dos grupos a colocar em prática suas potencialidades dentro dos objetivos propostos de acordo com seus desejos e necessidades.

Para Salgado (2007), as atividades que não são propostas com fim em si mesmas e sim como meios de se atingir objetivos maiores, caracterizam uma função educativa, sendo de suma importância no que tange o desenvolvimento pessoal de cada um dos participantes, tornando-se indispensável para se atingir um melhor equilíbrio psicoemocional e satisfação pessoal em qualquer tempo da vida.

[...] as atividades, além dos conteúdos referentes às próprias práticas, têm de ser desenvolvidas com a preocupação educativa de favorecer a sociabilização, a manutenção da auto-estima, a reeducação para o convívio com as limitações da idade e o estímulo à manutenção da autonomia nos limites máximos de suas possibilidades (SALGADO, 2007, p. 71).

O exposto acima, nada mais é do que o princípio da educação permanente, que está pautado na formação integral dos indivíduos ao longo de todo seu ciclo de vida, o que compreende a constante busca por novas informações e a adoção de novos comportamentos e atitudes perante situações encontradas ao longo da vida (SALGADO, 2007). A nova proposta de trabalho desenvolvida com os idosos do SESC/Florianópolis está baseada nesta concepção, visa fornecer ao idoso, através de um processo de aprendizagem e reflexão, subsídios capazes de conduzi-lo a mudanças comportamentais mais saudáveis ao momento de vida que estejam passando.

Ainda de acordo com Salgado (2007, p. 71), para a concretização de um trabalho com enfoque educativo, deve-se levar em consideração “a necessidade de se fornecer conhecimentos práticos que facilitem a vida cotidiana, bem como as informações teóricas que ajudem a refletir sobre a existência no tempo de envelhecimento”.

Neste sentido, o “Programa da Terceira Idade” em 2008 passou por uma reestruturação de objetivos, com o fortalecimento de algumas ações desenvolvidas e adoção de novas formas de atuação, passando a denominar-se “TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS: Crie um projeto para a vida e seja socialmente ativo sempre, independente das limitações que possa ter!”.

Com isso as ações pretendidas e os objetivos do trabalho com idosos do SESC/Florianópolis passaram a ser orientados em dois grandes núcleos, são eles:

Núcleo de motivação à vida, que passou a ser composto pelo Projeto viver Bem a Idade que se Tem, lembrando que este projeto é a ampliação do Projeto de Socialização Grupal, que compunha anteriormente este respectivo núcleo. Salienta-se que o Projeto de Socialização Grupal era realizado somente em Datas Comemorativas e com objetivos bem mais restritos que o Viver

Bem a Idade que se Tem que, como visto anteriormente, abrange quatro eixos temáticos: memória, autonomia, movimento e criatividade.

Núcleo de Vivência que continua a ser composto pelos grupos de convivência e Grupo Expressão Vital, além do Projeto Era uma Vez Atividades Intergeracionais.

O Grupo Expressão Vital possui uma configuração diferenciada na prática de grupos, tendo como fio condutor o trabalho norteado nas diferentes formas de expressão da arte. Seu objetivo é instigar o idoso a ter auto-conhecimento, valorização pessoal, descoberta e desenvolvimento de potencialidades. Segundo ASCT (2008), “este trabalho objetiva o desenvolvimento de novas habilidades, através de oficinas de criatividade e de outros processos, o idoso tem a oportunidade do desenvolvimento de novas linguagens de expressão nas áreas de música, teatro, dança, artes plásticas e atividades corporais”.

Incentivar o indivíduo, e em especial o idoso, por meio de processos que possibilitem exercitar a sua sensibilidade artística, é abrir-lhe caminhos de renovação espiritual, através da vitória da originalidade sobre o hábito, da ousadia sobre o conformismo de tudo o que viveu e descobriu (CAMARGO, 1999, p. 73).

Este trabalho já vinha sendo desenvolvido anteriormente, só que em 2008 foi criado mais um grupo seguindo esta formatação, então, atualmente, existem no SESC/Florianópolis dois grupos Expressão Vital, sendo que seus encontros ocorrem semanalmente, as quartas e quintas-feiras, no período matutino das 9h às 11h.

O projeto Era uma Vez Atividades Intergeracionais, que também compõe o Núcleo de Vivências, não estava mais sendo desenvolvido no Centro de Atividades de Florianópolis (CAF), como citado anteriormente, mas, com o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos, colocado em prática em 2008, este projeto será retomado.

Este projeto tem por objetivo geral oportunizar a construção do saber e a troca de experiências, através das relações interpessoais, estimulando o convívio entre as gerações: idosos, crianças e adolescentes. Como objetivos complementares a este geral, procura-se criar a reflexão quanto à velhice e o processo de envelhecimento; ampliar as relações familiares e sociais; criar

vínculos afetivos e de solidariedade mútuos e propiciar a participação em atividades culturais, pedagógicas e recreativas (LEMOS, 2004).

As autoras Sommerhalder e Nogueira (2000) expõem sobre a importância do relacionamento entre gerações, como uma forma muito eficiente de se criar percepções positivas em relação à velhice. Segundo estas autoras, o contato intergeracional pode ser um meio para amenizar os preconceitos e possíveis tensões entre as gerações, assim como, proporciona uma consciência histórica de passado, presente e futuro. “Incentivar programas de relacionamento intergeracional pode ser um primeiro passo, um avanço em direção a uma sociedade que conviva melhor com as diferenças” (SOMMERHALDER; NOGUEIRA, 2003, p. 111).

Cabe ressaltar ainda, que o Estatuto do Idoso no seu artigo 3º, parágrafo IV, também incentiva as práticas intergeracionais, quando estabelece: “a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações” (BRASIL, 2003).

Os encontros do Projeto Era uma Vez serão semanais com duração de 2h tendo como eixo condutor da proposta a literatura, sendo que sua metodologia central é a prática de atividades interativas. Para a ASCT (2008), “este projeto permite a co-educação, a relação de troca, onde os idosos interagem com todo o seu vigor mental e a criança com seu vigor físico, tão latente na infância”.

No Núcleo de Vivências, considera-se que a mudança mais substancial foi com relação à metodologia de trabalho desenvolvida com os grupos de convivência. Estes passaram a se encontrar semanalmente através de uma integração dos grupos que revezavam seus encontros no mesmo dia da semana, passando de dez para cinco grupos, sendo que agora cada grupo conta com um número maior de participantes, lembrando que anteriormente os encontros dos grupos eram quinzenais, o que dificultava um trabalho mais consistente, visto o distanciamento entre um encontro e outro.

Outra mudança nos grupos de convivência foi com relação às atividades oferecidas nos grupos, havendo agora uma programação mais concentrada, orientada a partir de quatro eixos estruturantes: 1) realização, por parte da Assistente Social e estagiária de Serviço Social, da recepção e acolhida do grupo; 2) Momento de Atualização e Interação onde são oferecidas

vivências, oficinas e debates; 3) intervalo para o lanche; 4) Espaço Aberto que consiste num momento para trocas de experiências, ensinamento e aprendizado, show de talentos, contação de estórias, piadas, poesia e discussão de assuntos relacionados às rotinas do grupo, como: passeios, confraternizações, entre outras coisas. Destaca-se que os encontros ocorrem no período vespertino das 13:30 h às 17 h.

Antes desta reformulação na metodologia de trabalho, os grupos não possuíam uma programação de atividade definida, o que tornava os encontros mais livres, já que se visava uma maior autonomia dos idosos em seus respectivos grupos, ou seja, eles podiam decidir o que gostariam de fazer, todavia, não se alcançavam os resultados esperados, já que, segundo ASCT (2008), “os idosos passaram a ocupar o tempo com atividades não entendidas como proveitosas no âmbito grupal e nem consideradas socioeducativas, conforme se propunha o Projeto Ético Político do SESC para o idoso”, o bingo é um exemplo dessas atividades.

Cabe ressaltar que o objetivo do Trabalho Social com Idosos do SESC é estimular o convívio e integração entre pessoas idosas, além de levar conhecimento e proporcionar a troca de experiências através de atividades que favoreçam uma melhoria na qualidade de vida, ou seja, o SESC não deve se limitar apenas em oferecer um espaço para a integração, seus objetivos são maiores, suas ações têm enfoque socioeducativo que contribuem na preparação do idoso para a vida, dando condições para que estas pessoas vivam melhor. Segundo Salgado (2007, p. 71):

É bem verdade que no trabalho com idosos nem sempre as atividades se realizam com tantas e tamanhas intenções. Por vezes, a finalidade da prática está apenas no entretenimento, na ocupação do tempo livre ou no simples contato social. Entretanto, se todas as atividades guardarem essa característica, não existirá nenhum grande significado na ação. O trabalho social com idosos deve ter a competência e condições de se diferenciar de um simples entretenimento por uma ação propositiva de educação social.

Os grupos de idosos podem ser considerados um poderoso instrumento para a prática de ações de cunho socioeducativas, o que favorece o desenvolvimento de seus membros. Constituem-se num espaço privilegiado de intercâmbio de experiências vivenciais, aprendizado de práticas diversas e ampliação de conhecimento (SALGADO, 2007).

De acordo com ASCT (2008):

[...] atualmente as comissões dos grupos estão sendo orientadas para trazerem naqueles momentos considerados até então pouco aproveitados, outras atividades mais interessantes e significativas para o processo criativo e ocupacional, com alternativas práticas e educativas, considerando aspectos como exercícios para memória, por exemplo.

Ressalta-se que o Serviço Social do SESC, privilegia a autonomia dos grupos, por considerar seus participantes sujeitos ativos, com plena possibilidade de interagir uns com os outros e com isso agir em busca de soluções e alternativas relevantes para o bom funcionamento do grupo. E é com esta visão que cada grupo possui uma comissão, que atua como uma liderança e se responsabiliza por coordenar as atividades habituais, como: organização das confraternizações de aniversário, festas temáticas (dia das mães, dos pais - no caso de grupos de casais - festa junina, entre outras) passeios, etc. Essa comissão tem um mandato de um ano, podendo ser reconduzido por mais um, sendo as eleições realizadas no início de cada ano, por voto individual e secreto de cada membro integrante do grupo.

No tocante ao papel do líder num grupo, Moscovici (1997, p. 126) faz a seguinte explanação: “um líder é a pessoa no grupo à qual foi atribuída, formal ou informalmente, uma posição de responsabilidade para dirigir e coordenar as atividades relacionadas à tarefa. Sua maior preocupação prende-se à consecução de algum objetivo específico do grupo”.

Anualmente é realizado um curso de capacitação para essas comissões, com o objetivo de preparar os atuais coordenadores à atuarem junto aos grupos, alcançando os objetivos destes sem exceder-se enquanto líderes, além de proporcionar um espaço para discussão de temáticas pertinentes e esclarecimentos de possíveis dúvidas. Com a mudança na metodologia do trabalho com os grupos de convivência, vê-se como fundamental esse espaço para melhor estar orientando as comissões a estarem trabalhando ações socioeducativas, que contribuam para a ampliação dos conhecimentos e trabalhem o potencial criativo dos idosos participantes dos grupos.

Destaca-se que foi elaborado pela equipe de Serviço Social do SESC durante o primeiro semestre de 2008 um projeto para capacitação das comissões dos grupos de convivência, para que estas desenvolvam vivências artísticas com os membros dos grupos. Atividade a ser realizada no

chamado Espaço Aberto, um dos eixos que estruturam essa nova proposta de trabalho e que foi explicado anteriormente.

Este projeto será colocado em prática no segundo semestre de 2008 e tem como objetivo: estimular a realização de atividades que promovam a autonomia dos grupos; resgatar o potencial criativo, favorecendo o desenvolvimento e capacidade adaptativa ou inovadora, dando forma às potencialidades inibidas; além de sensibilizar o idoso para que ele seja mais flexível às mudanças, e supere seus bloqueios.

De acordo com Camargo (1999, p. 72), “programas voltados à vivência artística, através da música (canto ou prática instrumental), da dança, ou ainda das artes cênicas ou plásticas, constituem sempre processos de crescimento direcionados ao bem estar físico, psíquico e social do idoso”.

A capacitação das comissões será realizada através da assessoria de professores especializados em habilidades artísticas, como: dança, música, teatro, pintura etc. E a elaboração das vivências artísticas será de acordo com as afinidades, gostos e perfil de cada grupo. Vale ressaltar que este projeto vai ao encontro à lógica de otimização dos encontros grupais, sendo este um dos objetivos da nova proposta do Trabalho Social com Idosos.

É importante destacar que a proposta de mudanças no Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis foi idealizada e estudada pela Assistente Social da respectiva instituição, seguindo sugestões dadas pelos próprios idosos, apontadas em avaliações realizadas, sendo a gestão desta nova proposta executada por esta profissional em questão.

Num dos trechos da entrevista, a ASCT deixa claro que o percurso até se chegar à mudança foi extenuante, mas, com muita persistência, alicerçada em fatos concretos que evidenciavam a necessidade de uma revitalização no processo de trabalho, se alcançou os objetivos previstos: a implantação do Projeto Viver Bem a Idade que se Tem e conseqüentemente a mudança na metodologia de trabalho com os idosos:

O caminho foi muito longo. O que o caracterizou no meu entendimento foi o empenho profissional em estar mostrando com competência técnica e política à instituição [...] as necessidades apontadas pelos idosos e como elas vinham sendo trabalhadas. Vejamos o nosso contexto: idosos resistentes e também idosos querendo novidades. Até porque já estavam conosco há muitos anos. O

empenho constante na realização de alguns estudos, traduzidos em relatórios para a gerência e coordenação técnica permitiram finalmente se chegar a um Programa de Trabalho elaborado em finais de 2006 com garantias de recursos financeiros para o Projeto Viver Bem a Idade que se Tem (ASCT, 2008).

As dificuldades para a efetuação do redimensionamento do Trabalho Social com Idosos centravam-se na falta de recursos humanos e financeiros para a contratação de assessoria que desenvolvesse as atividades nos grupos e também a dificuldade de envolvimento dos profissionais das demais áreas de atuação do SESC, visto a indisponibilidade de tempo, já que todos possuem diversas atribuições a cumprir dentro da instituição nos seus respectivos setores.

Para a implementação de uma nova proposta são considerados muitos fatores. Neste caso, o que dificultou foi a questão dos recursos humanos, uma profissional e dois estagiários de serviço social a frente de todo o Trabalho com Grupos, envolvendo reuniões, encontros, projeto de socialização, programação municipal para o mês do idoso e ainda participação enquanto conselheira do Conselho Municipal do Idoso de Florianópolis. Aliado a isto, não tínhamos até 2007 previsão orçamentária suficiente para contratação de assessorias para o desenvolvimento de vivências, oficinas e discussões temáticas (ASCT, 2008).

Outra barreira encontrada foi a questão da resistência dos idosos ao novo. Com relação a isto foi efetuado um trabalho “árduo” de muito diálogo, no sentido de estar explicando as razões da mudança, mostrando a nova proposta e apontando os ganhos que eles teriam com a revitalização dos encontros grupais. Mostraremos, a partir de agora, como foi realizado este trabalho.

3.3.1 Apresentação da nova proposta de trabalho aos idosos participantes dos grupos de convivência do SESC/Florianópolis

Quando se é planejado algo, faz-se necessário preparar a instituição, a equipe e a população que sofrerá influência da ação pensada, para receber aquilo que está sendo projetado, só assim, a intervenção planejada poderá ser de fato efetivada. Dependendo da situação e do tipo de planejamento em curso, poderá ser uma fase que requer longo tempo e perseverança por parte do técnico proponente da ação (BAPTISTA, 2003).

No caso do SESC de Florianópolis, para que a mudança da metodologia de trabalho fosse colocada em prática, primeiramente, teve-se que realizar um trabalho de informação e conscientização dos idosos sobre a mudança, para que assim eles pudessem estar a par do que estava sendo idealizado para seus encontros a partir de 2008.

Inicialmente, foi realizada nas dependências do SESC/Florianópolis, em setembro de 2007, uma reunião onde estavam presentes a Assistente Social coordenadora dos grupos de idosos, as duas estagiárias de Serviço Social e as comissões dos grupos de convivência, com o objetivo de repassar a questão da mudança nos grupos. Também foi trabalhada durante esta reunião a importância do envolvimento das comissões para a motivação do grupo nas atividades que seriam oferecidas a partir de 2008 e o quanto isso tem um peso fundamental para a boa aceitação da nova metodologia de trabalho. Faz-se necessário momentos como este que proporcionem um espaço para discussão e esclarecimento de possíveis dúvidas.

A questão de chamar os coordenadores a estarem se envolvendo mais nas atividades oferecidas aos idosos, no sentido de motivarem os demais membros a participar, também é uma forma de estimular o exercício da liderança. Os coordenadores dos grupos, como líderes têm papéis essenciais como o de organizar, coordenar e, principalmente, administrar as atividades realizadas nos grupos. A participação dos coordenadores deve ser motivadora e de forma orientadora, pois pessoas bem orientadas e acompanhadas tornam o trabalho muito mais produtivo. Este trabalho em conjunto com as comissões contribui para o bom andamento das atividades nos grupos.

Observou-se como imprescindível o repasse das informações discutidas durante o encontro com as comissões, como uma forma de estar socializando as orientações e informes aos demais membros dos grupos. E é com este pensamento que foi realizado no período de setembro a outubro de 2007 a divulgação dos assuntos trabalhados nesta reunião

Destaca-se que a socialização de orientações e informações discutidas na reunião de comissões foi de extrema importância, pois dessa forma, todos puderam estar cientes do que estava sendo pensado e das alterações que seriam realizadas no trabalho.

Num primeiro momento, os idosos participantes dos grupos de convivência receberam com estranheza a nova proposta de trabalho, principalmente ao fato de não ter mais o bingo. Também, demonstraram-se receosos com relação à integração com outro grupo.

Cabe ressaltar que toda mudança gera resistência, o novo sempre vem acompanhado da insegurança, do receio. Nesses momentos de transformações, estão interferindo as ansiedades que funcionam como obstáculos, os medos de perda e ataque frente ao desconhecido, é o momento de resistência à mudança (MOSCOVICI, 1997).

Do ponto de vista psicológico, a resistência à mudança é uma reação normal, natural e sadia, desde que represente um período transitório de tentativas de adaptação, em que a pessoa busca recursos para enfrentar e lidar com o desafio de uma situação diferente [...] a resistência à mudança é, portanto, uma fase inicial prevista em qualquer programa de mudança planejada (MOSCOVICI, 1997, p. 160).

Diante disso, cabe ao facilitador dos grupos, que neste caso é a Assistente Social e estagiárias de Serviço Social, incentivá-los a encarar o novo e mostrar que, muitas vezes, as mudanças trazem algo muito positivo, sendo este o objetivo desta nova proposta de trabalho, melhorar as ações e tornar o trabalho mais produtivo através de atividades que concilie ampliação dos conhecimentos, integração e interatividade, assim como, estimulem os idosos a participar. Ressalta-se que as atividades oferecidas são condizentes com o perfil e as especificidades de cada grupo.

Segundo Tatagiba e Filártiga (2001), o papel do facilitador dos grupos é o de propiciar a identificação da realidade do grupo através da compreensão do processo que o grupo esteja vivendo a cada momento, assim, ele poderá intervir com maior eficácia, favorecendo o preenchimento das expectativas individuais de seus integrantes. O facilitador deve assumir uma postura motivadora, sem ser impositiva, não pode fugir dos objetivos do trabalho, para poder identificar o progresso e as realizações do grupo.

Ainda de acordo com as autoras supracitadas, o facilitador deve estar em sintonia com o que pretende trabalhar, pois precisa passar credibilidade e coerência no que faz. Deve desenvolver algumas habilidades, como: “investir no autodesenvolvimento e autoconhecimento;

desenvolver percepção; estar motivado; exercitar a flexibilidade e a criatividade; possuir visão global e de detalhes; buscar postura coerente com o que verbaliza; e desenvolver a habilidade de lidar com pessoas” (TATAGIBA, FILÁRTIGA, 2001, p. 56).

Diante disso, reforça-se a importância do facilitador num processo grupal, no caso do SESC/Florianópolis, em específico, que estava vivenciando uma resistência por parte dos idosos à mudança do processo de trabalho, o papel do facilitador foi de fundamental relevância, já que este profissional contribuiu para que a mudança fosse compreendida e aceita.

Ressalta-se que a resistência é atenuada se o próprio grupo diagnostica a necessidade de mudança, em vista disso, é importante que aquele que propõe as mudanças auxilie as pessoas que serão afetadas a compreender a necessidade da modificação. Neste caso, indagávamos o que o bingo estava proporcionando de positivo nos encontros grupais, os próprios idosos chegavam à conclusão de que jogavam por não saber mais o que fazer, segundo a fala dos idosos: “para ocupar o tempo”, acabavam “confessando” que não viam o jogo como algo imprescindível em seus encontros.

Cabe salientar que nos últimos anos muitos membros dos grupos foram deixando de vir aos encontros devido o desinteresse nas atividades realizadas, entre elas o bingo. Não viam motivação neste jogo, pois não proporcionava integração entre os membros dos grupos, causando, muitas vezes, atritos e atrapalhando a realização de outras atividades.

Em 2008, mais especificamente no dia 25 de fevereiro, antes de ser colocado em prática a nova proposta de trabalho com os grupos, foi realizada uma reunião para apresentar a nova estrutura do Trabalho Social com Idosos, dando enfoque a nova metodologia a ser adotada nos grupos de convivência a partir de 2008. Esta reunião contou com a participação da equipe de Serviço Social do SESC, composta pela Assistente Social e duas estagiárias, pela coordenadora do trabalho com idosos do estado de Santa Catarina e pelos membros da comissão de cada grupo. Nela os idosos foram incentivados a participar desta nova empreitada e daí sim tirarem suas próprias conclusões a partir da experiência vivenciada. A reunião foi finalizada com o comprometimento por parte dos idosos em conhecer a nova proposta apresentada.

E em março de 2008, enfim, foi realizada a implantação da nova metodologia de trabalho. “Este é o momento do processo no qual a idéia antecipada no pensamento e explicitada na planificação transforma-se em ação efetiva. A implantação é a operação [...] das ações previstas no planejamento. É nesta fase que se dá a instalação e o início de funcionamento do empreendimento” (BAPTISTA, 2003, p. 105). Sendo que o início desta nova proposta de trabalho foi marcado por vivências e dinâmicas que trabalharam a questão da integração entre os grupos.

A proposta de integração se fez oportuna num momento em que alguns grupos vinham sofrendo um desgaste devido ao elevado número de faltas de seus participantes. A integração veio ser um estímulo à participação, dando uma nova motivação aos participantes dos grupos, pois proporcionou o contato com novas pessoas, contribuindo, assim, para a ampliação do círculo de amizades.

Após esse primeiro momento de adaptação, onde os grupos precisaram de atividades para conhecer um ao outro e melhor se integrar, além de perceber que essa mudança veio para melhorar o trabalho, foram oferecidas diversas atividades, sempre com o intuito de otimizar os encontros, e trazer algo diferente a cada semana. As atividades realizadas com os grupos trabalharam a questão do corpo, da memória, reciclagem de conhecimentos, atualização, cuidados concernentes à saúde, alimentação, lazer, cultura, enfim, tiveram enfoque socioeducativo e contribuíram para a preservação da saúde física e mental dos idosos participantes de tais atividades.

De acordo com Salgado (2007), a educação é o princípio que melhor define o trabalho social com idosos. As atividades devem ir além de seus resultados imediatos, segundo a intenção educativa, devem buscar a construção de valores capazes de melhor conduzir o curso da vida, na perspectiva de um desenvolvimento integral do indivíduo.

Após a implantação, gradualmente a execução das atividades vai sendo estabelecida, as rotinas de trabalho vão se concretizando e os resultados da ação planejada vão se evidenciando (BAPTISTA, 1981).

Apesar das dificuldades relatadas ao longo da implantação desta nova metodologia de trabalho, o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos foi efetivado e hoje é uma realidade presente no cotidiano dos grupos de convivência do SESC/Florianópolis. Houve perdas, como a desistência de uma parcela de inscritos que desistiram do programa, mas os ganhos foram significativos no que tange a maior qualidade da programação desenvolvida, a boa adesão dos idosos nas atividades realizadas e a repercussão institucional positiva.

De uma maneira geral avaliamos que a grande maioria dos idosos reagiram positivamente a mudança. As resistências que tiveram foram por parte de alguns idosos que já vinham em discordância com a proposta Institucional como um todo. Tivemos dois casos mais significativos: um grupo de casais que não quis se integrar a outro grupo, saindo da instituição e outro grupo praticamente todo desistiu da proposta, alegando que o grupo com o qual se integraria tem um perfil muito diferente do seu (ASCT, 2008).

No que se refere às metas para o Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis a partir de agora, ASCT expõe:

[...] estão previstos um número maior de atendimento para as atividades quanto ao previsto para o ano passado. Em se tratando qualitativamente temos metas que visam o engajamento maior destes idosos nas atividades oferecidas e solicitadas pelos mesmos. Culminando com o desenvolvimento de alguns trabalhos artístico culturais para apresentações em mostras, seminários e demais eventos no mês do idoso em setembro ou outubro (ASCT, 2008).

Diante o exposto, percebe-se que este é o início de uma longa caminhada, mas, importante é saber que o primeiro passo já foi dado, no sentido de revitalizar o trabalho que vinha sendo desenvolvido, que de certa forma não estava mais conseguindo responder a grande demanda que surgia, materializada na procura por novas atividades e numa lista de espera para ingresso nos grupos crescente a cada ano, além é claro, de estar, em alguns aspectos, em descompasso com os objetivos do Trabalho Social com Idosos do SESC.

Com esta nova proposta onde são oferecidas ações diversificadas que contribuam na atualização de conhecimentos, ampliação do universo cultural, no desenvolvimento de novas habilidades, na reflexão sobre o processo de envelhecimento, e na prevenção e manutenção da saúde, abre-se caminho à efetiva inclusão e valorização social do idoso, para que a partir deste privilegiado espaço institucional de participação e aprendizado ele possa ter uma melhoria na sua qualidade de vida e angariar subsídios que o conduza a exercer de forma plena sua cidadania.

3.4 Intervenção do Serviço Social frente ao processo de mudança no Trabalho Social com Idosos

O profissional de Serviço Social realiza um trabalho essencialmente socioeducativo e está qualificado para atuar nas diversas áreas ligadas à condução das políticas sociais públicas e privadas, tais como planejamento, organização, execução, avaliação, gestão, pesquisa e assessoria. O seu trabalho tem como principal objetivo responder às demandas dos usuários dos serviços prestados, garantindo o acesso aos direitos assegurados na Constituição Federal de 1988 e na legislação complementar²⁹.

No SESC Unidade de Florianópolis, o Serviço Social está inserido na área de Assistência e tem como objetivo a efetivação da política institucional (onde figura a primazia pelo bem-estar de seus usuários promovendo melhor qualidade de vida a estes) através do atual “TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS: Crie um projeto para a vida e seja socialmente ativo sempre, independente das limitações que possa ter!”. O Assistente Social, dentro desta instituição, visa favorecer, garantir e viabilizar os direitos dos usuários atendidos, neste caso os idosos, utilizando-se do trabalho com grupos para desenvolver ações que contribuam na valorização do ser humano e sua integração na sociedade. A Lei nº 8.662/93, afirma que é competência do Assistente Social:

V- orientar indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no sentido de identificar recursos e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos;

VII – Planejar, executar e avaliar pesquisas que possam contribuir para a análise da realidade social e para subsidiar ações profissionais (BRASIL, art. 4º, 1993, p. 24-25).

De acordo com Pereira (2005, p. 3), “por ser uma profissão que atua em constante interação com as políticas e os direitos sociais, o Serviço Social não pode ficar alheio à tematização do fenômeno do envelhecimento”. A atuação do profissional Assistente Social tem como objetivo compreender a formação do imaginário social sobre a velhice e a partir da análise desse ideário, atuar no sentido da ressocialização dessa camada da sociedade.

A preocupação metodológica deste profissional tem que estar voltada para o agir na atual situação: a de exclusão social do idoso, para promoção de políticas sérias de envelhecimento com embasamento legal e tendo como objetivo fazer a reintegração e participação efetiva dos idosos na sociedade.

Neste sentido, o trabalho com grupos de idosos, desenvolvido pelo Serviço Social, caracteriza-se como um momento privilegiado de intervenção profissional, onde, por meio de sua ação, o Assistente Social pode contribuir para a ampliação da consciência crítica do idoso, estimulando-o a participar efetivamente da dinâmica social como cidadão ciente de seus direitos e deveres. Segundo Coelho (1988, p. 46):

O Serviço Social de grupo é um processo educativo pelo qual o Assistente Social ajuda o indivíduo a estabelecer no seio de um grupo restrito, relações satisfatórias que o farão crescer ou progredir do ponto de vista emotivo e intelectual, e o tornarão assim capaz de cumprir eficientemente as suas funções na comunidade e nas outras coletividades as quais pertence.

Ainda de acordo com Coelho (1988), a participação do Serviço Social em grupos visa estreitar o relacionamento entre os membros do grupo, estimulando-os a fazerem novas amizades, dando-lhes segurança para continuarem participando do grupo a qual pertencem. O Assistente Social, também verifica o tipo de atividade que pode agradar os membros, introduzindo elementos inéditos que os conduzam a uma experiência mais rica, respondendo sempre as necessidades dos participantes.

Salgado (2007), também nos dá sua contribuição, quando afirma que nos trabalhos com grupos é importante buscar uma relação positiva entre os membros participantes, independente das diferenças individuais de cada um, tentando mudar a cultura da discriminação. Também, faz-se necessário estimular o relacionamento cooperativo entre os integrantes do grupo, o respeito às iniciativas de cada participante, a liberdade de participação pelo direito de expressar idéias e pensamentos, ainda que seja divergente dos demais, e o incentivo à participação de todos os membros do grupo no processo de tomada de decisão.

²⁹ CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO-CRESS-RJ. Site disponível em < www.cress-rj.org.br >. Acesso em: 16 de julho 2008.

No que se refere ao SESC, a ASCT, quando indagada do porquê do Serviço Social atuar com grupos de idosos na respectiva instituição, explicou que:

É o profissional de Serviço Social [que atua com grupos de idosos no SESC] pelo entendimento de que a especificidade de sua formação atende aos propósitos institucionais, desenvolvendo sua prática com habilidades consideradas fundamentais na concretização dos objetivos do SESC para com o Trabalho com Grupos (ASCT, 2008).

A intervenção da Assistente Social nos grupos de idosos do SESC/Florianópolis materializa-se através da realização de planejamento e execução de ações referentes ao trabalho com grupos, os quais compreendem: formação grupal, aplicação de dinâmicas de grupos, captação de parcerias, participação em Conselhos de Direito, elaboração e execução de eventos que visam o cumprimento dos objetivos propostos nas ações com os grupos, destacando-se ainda, a organização e atualização de toda documentação pertinente ao cadastro perfil, bem como o registro das ações desenvolvidas.

Para isso, o Assistente Social dentro do SESC faz uso de diferentes instrumentos de trabalho, que são o conjunto de recursos ou meios que permitem a operacionalização da ação profissional. No que diz respeito ao instrumental teórico-metodológico, podemos citar que entre as principais fontes de consulta e conhecimento utilizadas pela assistente social desta respectiva instituição estão: a Constituição Federal de 1988; a Declaração Universal dos Direitos Humanos; a Política Nacional do Idoso; o Estatuto do Idoso; o Sistema Único de Saúde –SUS; literaturas diversas concernentes à grupos, saúde, direitos e psicologia; assim como, o Programa Institucional.

Segundo Yamamoto (2003, p. 62-63), “as bases teóricas-metodológicas são recursos essenciais que o Assistente Social aciona para exercer o seu trabalho: contribuem para iluminar a leitura da realidade e imprimir rumos à ação, ao mesmo tempo em que a moldam”.

O instrumental teórico-metodológico permite ao profissional de Serviço Social distinguir entre os tipos de saberes e suas possibilidades. O entendimento do Assistente Social é o de criticar e denunciar, mas também apontar as possibilidades de ação que uma realidade sócio-

histórica porta. Dessa forma, para se alcançar o grau de criticidade do conhecimento necessário à prática profissional, é essencial se ter embasamento teórico-intelectual (GUERRA, 1995).

Aliado ao instrumental teórico-metodológico, está o instrumental técnico-operativo. Entre os diferentes instrumentos técnicos-operativos existentes, os mais utilizados pela assistente social do SESC/Florianópolis, são: dinâmica de grupo; observação; reuniões de grupo; reuniões de planejamento e supervisão; registros; entrevista; entre outros.

As dinâmicas de grupo constituem instrumentos de trabalho muito eficientes, proporcionando integração, desinibição, divertimento, reflexão, aprendizado, promoção do conhecimento e incitação à aprendizagem. Através das dinâmicas o comportamento e as atitudes individuais podem ser mudados num trabalho de grupo, isto, porque, os participantes se sentirão sensibilizados por aquilo que acontecerá, por sentirem e por observarem processos que eles aprenderão a conceituar (MILITÃO; ALBIGENOR, 1999).

Em relação à observação, aliando-a a ação, o Assistente Social provoca situações que levem o grupo à satisfação de seus interesses. Para Sarmiento (2005, p. 23), “A observação como instrumento do Serviço Social sempre foi utilizada e privilegiada, girando em torno de pré-noções ou pré-conceitos para chegar a algumas conclusões práticas e interventivas”. Ainda de acordo com este autor:

[...] a observação como instrumento pressupõe aprender: as inter-relações do usuário; as representações e auto-representações; como se apresenta a reprodução das relações; e os movimentos da realidade e a mesma realidade enquanto contexto, ao nível do indivíduo, do grupo, da população e, da organização sócio-institucional (SARMENTO, 2005, p. 26).

No tocante à reunião, Sarmiento (2005) expõe que é um instrumento que permite a constituição de um espaço para o exercício de posicionamentos, críticos e criativos, sendo que na ação profissional do assistente social, a utilização intencional da reunião pode particularizar num momento para vivenciar a reflexão, a socialização, e a aquisição de informações que possam revirar as formas de relacionamento social.

No que se refere aos registros, ressalta-se que estes são realizados regularmente pela Assistente Social do SESC de Florianópolis, sendo eles: Relatório de reuniões grupais, de modo que cada grupo possui uma pasta onde cada reunião encontra-se registrada, constando seus objetivos, as atividades previstas, o relato da reunião e providências a serem tomadas para o próximo encontro, além de outras informações referentes ao grupo; Estatístico Mensal do número de pessoas atendidas, permitindo que se possa ter um controle e avaliação do número de atendimentos realizados; Planilha de Intervenção via contatos telefônicos com pessoas afastadas por motivos de saúde; Relatório anual descritivo de todas as ações desenvolvidas por grupo; Plano de trabalho anual, que compreende a fase de planejamento das ações para o próximo ano, estimativa de recursos necessários, entre outros.

Já a entrevista, é caracterizada por Sarmiento (2005, p. 33), como “[...] um dos mais importantes instrumentos [...] pois é através dela que se estuda o cliente e seus problemas e ainda, se aplica o tratamento social”. Sendo este um instrumento amplamente utilizado na prática profissional da Assistente Social do SESC/Florianópolis, para a coleta de dados necessários à realização de avaliações das atividades realizadas nos grupos.

A partir desse “arcabouço” instrumental o Assistente Social está apto a realizar uma análise da realidade social e institucional em que está inserido, e intervir para melhorar as condições de vida do usuário.

Cabe ressaltar que o papel interventivo do Serviço Social do SESC foi de fundamental importância para a concretização do redimensionamento do Trabalho Social com Idosos na Unidade Florianópolis, lembrando que a proposta de mudanças no trabalho foi formulada pela Assistente Social da respectiva instituição, buscando adequar as ações voltadas aos idosos às demandas apresentadas nas avaliações realizadas nos grupos nos últimos cinco anos.

Salienta-se que o Assistente Social tem um compromisso com a qualidade dos serviços prestados e é com esse pensamento que o Serviço Social do SESC sempre está pensando suas ações, propondo novas alternativas de atuação no sentido de aprimorar cada vez mais o trabalho realizado com os idosos.

De acordo com Iamamoto (2003), para garantir uma sintonia do Serviço Social com os tempos atuais, é necessário romper com uma visão “de dentro” do Serviço Social, isto é pré-requisito para que se possa compreender as novas mediações e requalificar o fazer profissional no sentido de descobrir alternativas de ação. Um dos maiores desafios que o Assistente Social enfrenta na atualidade é desenvolver sua capacidade de interpretar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos. Enfim, deve ser um profissional propositivo e não só executivo.

A afirmação de um projeto profissional hegemônico pressupõe a existência de uma estrutura dinâmica que lhe permite um constante renovar-se e modificar-se a fim de responder: às necessidades sociais continuamente gestadas; às transformações econômicas, históricas e culturais; ao desenvolvimento teórico e interventivo da profissão e às mudanças na composição social da categoria. Nesse sentido, o projeto ético-político³⁰ pode ser entendido como um processo que se apresenta em contínuo movimento e que tem a liberdade como seu valor central. Liberdade de escolher alternativas concretas de intervenção. Dessa forma, passam a fazer parte do cotidiano profissional o compromisso com a qualidade dos serviços prestados [...] (NETTO, 1999, apud LIMA, 2004, p. 2)

Um dos princípios fundamentais da profissão de Serviço Social, explicitado no Código de Ética Profissional (CFESS nº 273/93, p. 11) é que o Assistente Social tem um “compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional”.

Para isso, mostra-se de fundamental importância que os assistentes sociais busquem em produções teóricas, instrumentos de renovação profissional. Neste sentido, observa-se que teoria e prática profissional caminham justas e são fatores fundamentais para a eliminação de práticas profissionais rotineiras. E no trabalho com grupos de idosos realizados no SESC não é diferente, é preciso estar continuamente se capacitando para poder responder as novas demandas que surgem.

³⁰ O projeto ético-político profissional conduz a intervenção para o desenvolvimento de ações profissionais voltadas para a construção da cidadania para todos; a defesa, ampliação e a consolidação de direitos sociais, civis e políticos; a formação de uma cultura política democrática e para a consolidação da esfera pública (LIMA, 2004, p. 1).

Frente ao redimensionamento do Trabalho Social com Idosos, a intervenção da Assistente Social do SESC se deu no sentido de estar estudando a demanda apresentada, fazendo uma análise social da situação em voga, planejando novas formas de atuação, verificando a viabilidade de uma nova proposta, realizando contato com demais profissionais para realização de um trabalho multidisciplinar, propondo e negociando junto à instituição propostas e soluções para o aumento da qualidade dos serviços prestados aos idosos. Quando indagada sobre o papel do Serviço Social no processo de mudança do trabalho com idosos, a ASCT fez a seguinte explicação:

O papel do Serviço Social foi de fundamental importância, este profissional dispõe de competência teórica e política que vem ao encontro às especificidades das demandas apontadas pelo idoso e também porque o Assistente Social vem acompanhando ao longo dos últimos anos todo o processo aqui no SESC Florianópolis. Portanto, está inserido no contexto da mudança e também dispõe de diagnóstico da realidade, através dos estudos que vem sendo realizados. Subsidiado por estes estudos consegue propor, discutir, mediar e construir com os idosos novas possibilidades de intervenção e conquistas que lhes possibilitem alcance ou acessos aos direitos sociais, além da participação, definição de novos projetos de vida, combate ao isolamento social, valorização social do idoso, nova imagem do envelhecer para a sociedade, enfim qual impacto desse trabalho para os mais jovens de uma sociedade que envelhece (ASCT, 2008).

Observa-se, diante o exposto, que a Assistente Social esteve atenta à dinâmica da realidade dos grupos e detectou a necessidade de uma revitalização no trabalho que estava sendo desenvolvido, para assim, alcançar uma maior qualidade de vida e satisfação dos usuários atendidos. Segundo Yazbeck (2000, p. 97), “[...] à medida em que novas situações colocam para profissão novas exigências, o Serviço Social é obrigado a atualizar-se, redefinindo estratégias e procedimentos, adequando-se a novas demandas”.

Assim, com a implantação desta nova proposta de trabalho com idosos, novas demandas surgiram para o Serviço Social que é responsável pela gestão desta nova política institucional voltada ao público idoso.

Hoje em dia, exige-se do profissional assistente social qualificação na esfera da execução, mas, também, habilidades para formular e administrar políticas sociais, este

profissional deve ter uma sólida formação ética, dotado de uma ampla bagagem de informação, sempre atualizada, para se situar na conjuntura atual (IAMAMOTO, 1999).

De acordo com a ASCT (2008), “as demandas se resignificam com a implementação da nova proposta [...] e exigem uma nova postura teórica e política. Outros procedimentos e instrumentais passam a ser incorporados ao processo de trabalho. Este passa a ser mais amplo e dinâmico, permeado por um novo olhar e intencionalidade”.

A própria introdução desta nova proposta de trabalho junto aos grupos foi uma tarefa árdua para a Assistente Social, tendo em vista a resistência que os idosos tiveram em aceitá-la no início (como explicado anteriormente). Neste sentido, fez-se de extrema importância conhecer a realidade e o objeto de trabalho, junto ao qual se pretendeu introduzir um processo de mudanças, pois assim, pôde-se mediar esta situação. De acordo com Northen (1974), o assistente social leva os membros do grupo a discussões e a experiências orientadas para uma ação com o fim de ajudá-los a melhor encarar e aceitar as mudanças que são realizadas. E no caso do SESC, a intervenção da Assistente Social fez com que os idosos pudessem perceber que esta mudança estava acontecendo para melhorar o trabalho e atender suas próprias reivindicações.

Cabe ressaltar que, conforme o Código de Ética Profissional (CFESS nº 273/93, p. 13), dentre os deveres do Assistente Social consta “garantir a plena informação e discussão sobre as possibilidades e conseqüências das situações apresentadas, respeitando democraticamente as decisões dos usuários”.

Esta nova proposta de trabalho está embasada numa ação sócio-educativa. As ações sócio-educativas contribuem para uma consciência reflexiva possibilitando ao usuário uma compreensão da sociedade em que vive; dos direitos que possui nessa sociedade, da responsabilização ética que o profissional em ato deve ter e que se expressa nas dimensões assistenciais do trabalho vivo e na criação de maiores graus de autonomia no modo do usuário se relacionar com a família e com a comunidade (LIMA, 2004).

Segundo Cardoso e Maciel (2000 apud LIMA, 2004, p. 8), a profissão de Serviço Social “se institucionaliza e se desenvolve na sociedade capitalista como ação de cunho sócio-educativo,

inscrita no campo político-ideológico, nos marcos institucionais das políticas sociais públicas e privadas”.

No caso do SESC, a partir desse redimensionamento das ações, agora com um maior enfoque socioeducativo, a atuação da Assistente Social direciona-se para o fortalecimento e concretização dos projetos e reivindicações dos usuários, sendo sua linha de atuação a crítico dialética. De acordo com Lima (2004, p. 7)

O projeto ético-político pautado no paradigma crítico/dialético determina que as ações profissionais dos assistentes sociais devem ser realizadas de modo a efetivar a cidadania e os direitos cuja a perspectiva está em desenvolver um atendimento pautado na integralidade do sujeito em um processo de responsabilização técnica que se estabelece entre profissional e usuário de maneira a conferir, através das políticas sociais, resolutividade as demandas e materialidade a cidadania. As ações sócio-educativas pensadas nessa perspectiva [...] permitem o estabelecimento de um processo emancipatório que oportuniza aos indivíduos se perceber como sujeitos na sociedade onde estão inseridos e usufruir dos bens nela produzidos.

Para tanto, há de se destacar que a prática profissional da Assistente Social do SESC/Florianópolis não ocorre isoladamente, ainda que disponha de relativa autonomia, o Assistente Social depende da instituição que o contrata, que irá disponibilizar os recursos para a realização do seu trabalho e estabelecer as metas a serem cumpridas. Destaca-se, também, que algumas dificuldades, como o acúmulo de funções, se fazem presentes no cotidiano profissional, lembrando que o Assistente Social é um trabalhador assalariado e se insere na relação de compra e venda da força de trabalho, portanto está submetido às novas exigências do processo de reprodução do capital.

O atual quadro sócio-histórico marcado por um novo padrão produtivo (caracterizado pela flexibilização nos processos produtivos e pela desregulamentação dos direitos trabalhistas) e pela doutrina neoliberal (caracterizada por uma política de estabilidade monetária; pela predominância do capital financeiro sobre o industrial; pelo Estado Mínimo, que seria a refração do Estado em suas responsabilidades sociais as passando para o setor privado e para sociedade civil; e pela globalização que é a integração dos mercados financeiros mundiais organizados em blocos econômicos e no surgimento das empresas transnacionais provocando a fragmentação do

processo de produção e uma variedade de formas de contratação da força de trabalho) atravessa o cotidiano do exercício profissional do assistente social, assim como as condições de vida da população usuária dos serviços sociais (IAMAMOTO, 2003).

De acordo com Serra (2001), a reestruturação produtiva atinge o trabalho do Assistente Social no que se refere à inserção de um número reduzido destes profissionais no quadro de pessoal das instituições o que acaba gerando a polivalência e multifuncionalidade (que significa um profissional com múltiplas funções e habilidades para atender às diversas demandas) destes trabalhadores no interior de seus processos de trabalho.

No tocante aos meios necessários para efetivação de seu trabalho, como citado anteriormente, o Assistente Social não detêm de todos os recursos materiais e financeiros para a concretização de sua prática profissional, depende dos recursos previstos nos programas e projetos da instituição que o requisita e o contrata (IAMAMOTO, 2003).

Ainda que dispondo de relativa autonomia na efetivação de seu trabalho, o assistente social depende, na organização da atividade, do Estado, da empresa, entidades não-governamentais que viabilizem aos usuários o acesso a seus serviços, fornecem meios e recursos para sua realização, estabelecem prioridades a serem cumpridas, interferem na definição de papéis e funções que compõem o cotidiano do trabalho institucional [...] a instituição não é um condicionante a mais do trabalho do assistente social. Ela organiza o processo de trabalho do qual ele participa (IAMAMOTO, 2003, p. 63).

Todavia, apesar de alguns entraves que incidem em sua atuação profissional, a Assistente Social do SESC/Florianópolis consegue preservar a qualidade dos serviços prestados a seus usuários e manter uma postura ética e propositiva frente esta adversidade e vê como desafios para sua atuação a partir desse redimensionamento do Trabalho Social com Idosos:

[...] a manutenção com qualidade da proposta e a efetividade dos ajustes necessários, os quais serão identificados nos encontros de avaliação com os idosos. Falamos de disponibilidade financeira, para assegurar recursos destinados a contratação de assessorias para o desenvolvimento de algumas ações, oficinas, vivências. Outro elemento importante é o respaldo por parte dos idosos, como estão aderindo, quais os resultados que eles apontam. Enfim, não adianta somente termos os recursos institucionais necessários, se os idosos não entenderem ou conceberem quais são os objetivos desta política institucional: Trabalho Social com Idosos – SESC (ASCT, 2008).

Portanto, cabe ao profissional desta respectiva instituição ir se modificando e se adequando ao processo de transformação da realidade institucional e também das necessidades de seus usuários, juntamente a isso deve elaborar estratégias para superar as dificuldades e buscar novas respostas profissionais que contribuam para uma maior sustentabilidade desta nova proposta de trabalho para que ela de fato vislumbre a autonomia, emancipação e consolidação da cidadania dos idosos, norteados seu exercício profissional pelo projeto ético político da profissão que prima pela defesa e garantia de direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do presente Trabalho de Conclusão de Curso, buscou-se a tarefa de compreender a trajetória histórica do SESC, vislumbrando as políticas sociais desenvolvidas pela Instituição, em especial no campo do envelhecimento, foco de estudo neste trabalho, onde se pretendeu apresentar o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis, dando ênfase ao trabalho desenvolvido pelo Serviço Social desta respectiva Unidade.

Como podemos observar no decorrer do trabalho, frente às observações e estudos trazidos, a preocupação do SESC sendo esta uma Instituição privada e autônoma, porém com objetivos de desenvolver políticas sociais que venham de encontro à garantia de direitos sociais como a melhoria da qualidade de vida de seus usuários, em especial aos idosos.

Outro aspecto a ser ressaltado é a importância para o SESC do trabalho do Serviço Social frente à instituição, evidenciando e reafirmando o compromisso ético e político da Assistente Social em discussão neste trabalho. Efetivando o disposto no art. 4º do Código de Ética, quando expõe os deveres do Assistente Social:

programar, administrar, executar e repassar os serviços sociais assegurados institucionalmente; contribuir para alteração da correlação de forças institucionais, apoiando as legítimas demandas de interesse da população usuária; empenhar-se na viabilização dos direitos sociais dos usuários, através dos programas e políticas sociais (BRASIL, 1993, p. 15).

Sem dúvida, como demonstra o presente estudo, a Assistente Social que está à frente dos trabalhos realizados com os idosos do SESC/Florianópolis, desenvolve seu trabalho com compromisso em relação a assegurar e efetivar políticas sociais que venham de encontro aos interesses e a filosofia de trabalho da instituição. Porém, sempre pautada em estudos e diagnósticos que possam garantir e respeitar os direitos dos usuários, que buscam uma melhor qualidade de vida ao participar de programas e ações desenvolvidas pelo SESC, ações estas que vislumbram a autonomia destes cidadãos, enquanto sujeitos de direitos. Conforme afirma o

Código de Ética, art. 5º, são deveres do Assistente Social: “Contribuir para a viabilização da participação efetiva da população usuária nas decisões institucionais; democratizar as informações e o acesso aos programas disponíveis no espaço institucional, como um dos mecanismos indispensáveis à participação dos usuários” (BRASIL, 1993, p. 13).

Em todos os momentos, percebeu-se a valorização dos idosos nas ações realizadas, levando-se em conta suas reais necessidades, não sendo algo imposto, mais sim decidido democraticamente com a população usuária e demais profissionais da instituição SESC, após análise de dados coletados com os idosos.

Fica evidenciado neste trabalho, que o SESC, juntamente com a profissional de Serviço Social, tem seus objetivos e ações pautadas em torno do arcabouço legal que norteiam a política de atenção ao idoso, entre eles podemos mencionar a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto do Idoso. Em contrapartida, verifica-se a dificuldade de efetivação de tais Leis, nesta linha de pensamento concordamos com as autoras Rodrigues e Magalhães quando afirmam que:

Vivemos num país onde o respeito pelo idoso não é uma prática comum da sociedade. A perda do vigor físico, próprio da idade e da produtividade, não pode ser assimilada como perda de direitos e cidadania. Apesar de o Brasil já possuir um Estatuto do Idoso sancionado pela Lei nº 10.741, de 2003, este ainda não é cumprido na íntegra por muitos segmentos da sociedade brasileira (RODRIGUES, MAGALHÃES, 2008, p. 164).

Portanto, percebemos um despreparo do Estado e da sociedade para lidar com o envelhecimento, sendo que os estudos realizados e discutidos neste trabalho demonstram o aumento da expectativa de vida da população brasileira, o que exige de nossos governantes e sociedade um novo olhar frente ao idoso. “Envelhecer com dignidade é uma meta que deve ser atingida tanto pelas sociedades quanto pelos próprios idosos. È necessário ainda despertar na criança e no adolescente a valorização da pessoa idosa, de sua história de vida e das suas necessidades psicossociais, para a construção de uma mentalidade solidária” (RODRIGUES, MAGALHÃES, 2008, p. 164).

No caso do SESC, verifica-se esta preocupação em estar desenvolvendo ações voltadas a integração e socialização dos idosos a outras gerações, no sentido de possibilitar a troca de experiências e o despertar do respeito ao velho.

Durante todo estudo trazido neste Trabalho de Conclusão de Curso, em se tratando do segmento populacional idoso, o trabalho social, numa perspectiva socioeducativa, só começou recentemente com o SESC, quando foram criadas as Escolas Abertas da Terceira Idade. “Estas escolas, que surgiram na década de 1960, iniciaram-se com objetivo único de criar espaços de convivência para minimizar a solidão e o isolamento social que aumentava entre os idosos” (RODRIGUES, MAGALHÃES, 2008, p. 159).

Sendo que agora, com o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC de Florianópolis, a função educativa das atividades realizadas nos grupos está sendo muito valorizada, o que coincide com a Política Institucional do SESC no que tange o trabalho voltado aos idosos. Tal política privilegia o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, pois sabe que atividades inadequadamente conduzidas, que não possuem objetivos maiores, reduzindo-se a mero entretenimento, ou ainda, grupos de convivência que se limitam apenas à questão da socialização, podem se converter em instrumentos de alienação e empobrecimento cultural dos idosos.

É notório que os grupos de idosos constituem-se num importante espaço para a promoção da interação humana, socialização e integração destes indivíduos, mas não podem se limitar apenas a isso, devem oportunizar algo a mais do que o convívio social, devem também, propiciar condições, através de novos conhecimentos, para que o idoso tenha um posicionamento mais ativo na sociedade e consiga conquistar cada vez mais novos espaços e lutar pela efetivação de seus direitos. Segundo Salgado (2007, p. 68), “os grupos possibilitam muitas formas de inter-relacionamento humano, educação social e estímulo a demandas pela realização de projetos que sejam do interesse de todos. Acima de tudo, é um método eficiente a ser empregue em todos os tipos de esforços educativos”.

Diante o exposto neste trabalho, não podemos deixar de enfatizar a preocupação do SESC em garantir e assegurar direitos aos idosos, todavia, não podemos deixar de mencionar e/ou de substituir o papel do Estado em implantar e efetivar políticas públicas de direito, não basta apenas

sancionar Leis é preciso criar mecanismos de efetivação destas. Portanto, de acordo com Rodrigues e Magalhães (2008, p. 163), “é necessário criar espaços significativos para a participação social dos idosos nas suas comunidades, aumentando sua visibilidade, enquanto segmento social, lutando por seus direitos de cidadania e contra a exclusão social e os preconceitos”. Neste sentido, faz-se necessário e urgente a implementação das políticas públicas para os idosos, buscando redefinir o papel do Estado frente este segmento populacional.

Frente às necessidades apontadas pelos idosos, que freqüentam as ações desenvolvidas pelo Serviço Social do SESC/Florianópolis, fica clara a preocupação da Assistente Social em estar durante toda sua atuação profissional, se qualificando, buscando parcerias e soma de conhecimentos com outros profissionais e instituições, na busca de melhorar sua intervenção na área do idoso. Pois, o Serviço Social interfere nos processos relacionados com a reprodução social da vida, desenvolvendo sua ação profissional em situações sociais que afetam a qualidade de vida da população em geral e, sobretudo, dos setores mais empobrecidos da sociedade, objetivando melhorar essas condições sob múltiplos aspectos, exigindo desta forma conhecimento e cuidado nas ações desenvolvidas na busca da autonomia destes cidadãos. Neste caso, as políticas sociais são a mediação para este exercício.

A intervenção profissional leva em consideração relações de classe, gênero, etnia, aspirações sociais, políticas, religiosas, culturais, além de componentes de ordem afetiva e emocional. O trabalho do assistente social pode produzir resultados concretos nas condições materiais, sociais e culturais da vida de seus usuários, em seu acesso e usufruto de políticas sociais, programas, serviços, recursos e bens, em seus comportamentos, valores, seu modo de viver e de pensar, suas formas de luta e organização, suas práticas de resistência (YAZBEK, 2006, p. 124).

No que tange o redimensionamento do Trabalho Social com Idosos do SESC/Florianópolis, destaca-se que mesmo diante da necessidade de alterações na metodologia de trabalho, apontada pelos idosos em avaliações, a Assistente Social encontrou resistência à mudança por parte de alguns participantes dos grupos, ou seja, houve uma resistência ao novo. Porém, embasada em dados concretos foi possível implementar as mudanças necessárias. Tendo em vista isso, percebe-se o quanto é necessário o planejamento contínuo da ação profissional e a

avaliação destas ações, demonstrando os pontos positivos e negativos e junto com os usuários, como bem demonstra este estudo, dialogar e buscar soluções conjuntas.

Hoje, após uma longa caminhada, pode-se afirmar que um trabalho de cunho sócioeducativo, que cria oportunidades de produzir novas e empolgantes experiências que engrandecem a existência dos idosos participantes dos grupos de convivência, já é uma realidade no SESC de Florianópolis, resultado desta revitalização no processo de trabalho. Conseqüentemente, novos horizontes e uma nova perspectiva de trabalho surgem, proporcionando uma prática mais saudável a estes idosos.

Claro que alguns ajustes ainda se fazem necessários, afinal, este é apenas o início nesta nova trajetória. Todavia, para se chegar a um trabalho ideal que atenda de forma plena os anseios e expectativas daqueles que o vivenciam, considera-se indispensável uma avaliação junto ao público usuário, que neste caso são os idosos, desta nova metodologia por ora desenvolvida. Esta avaliação contribuirá no sentido de se alcançar uma maior qualidade e aprimoramento do trabalho. Sabe-se que isto acontecerá em breve, como bem vimos nas falas da Assistente Social da instituição, visto que é rotina do SESC e desta profissional realizar, periodicamente, avaliações de suas ações, visando o aperfeiçoamento constante da atuação. Sugerimos, assim, que os próximos passos desta nova proposta venham a ser trabalhados em futuros estudos, o que sem dúvida, contribuirá para um maior aprofundamento das questões aqui apresentadas.

Quanto a este Trabalho de Conclusão de Curso, acredita-se que este trará importantes contribuições para a instituição SESC, pois possibilitará identificar as razões que justificaram este redimensionamento do Trabalho Social com Idosos; bem como, permitirá aos acadêmicos do curso de Serviço Social conhecer as transformações que aconteceram no trabalho com grupos de idosos a partir de 2008, e a participação da Assistente Social da respectiva instituição frente este processo de mudança, demonstrando que o profissional de Serviço Social também está qualificado e possui competência ética e política para atuar na formulação e gestão de políticas sociais, não se restringindo apenas à esfera da execução. Para tanto, o Assistente Social precisa entender e conhecer a totalidade da realidade que o cerca e construir criticamente ações que visem a garantia de direitos dos usuários atendidos, e, além disso, criem possibilidade de ampliação do seu espaço profissional, especialmente nas áreas de planejamento, controle, avaliação e gestão de políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Flávia M.C; DANTAS, Estélio H. M. ; LEITE, Wânderson de O. D.; BAPTISTA, Márcio R. ; ARAGÃO, Jani C. B. de . *Perfil da autonomia de um grupo de idosos institucionalizados*. Fórum brasileiro de educação física e ciências do esporte- **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa: Gráfica Universitária, 2002. v. 10, p. 455-455.

ASSIS, M. Envelhecimento ativo e promoção da saúde: reflexão para as ações educativas com idosos. In: **Revista de Atenção Primária à Saúde**. v 8, nº 1. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 15-24.

BANDEIRA, Karla Maria. Discutindo qualidade de vida do idoso. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 34. São Paulo: SESC, outubro 2005, p. 50-61.

BAPTISTA, Myrian V. **Planejamento Social**: intencionalidade e instrumentalização. São Paulo: Lisboa, 2003.

_____. **Planejamento**: introdução à metodologia do planejamento social. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. **A VELHICE**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORN, Tomiko. A equipe multidisciplinar e o idoso. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 20. São Paulo: SESC, agosto 2000, p. 31-40.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **SESC 50 anos**. São Paulo: DBA (Dórea Books and Art), 1997.

BRASIL. Constituição da república Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm >. Acesso em 06 junho 2008.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a **Política Nacional do Idoso**.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2004. Dispõe sobre o **Estatuto do Idoso**.

BRASIL. **Lei nº 8.742 de 7 de dezembro de 1993 – Lei Orgânica da Assistência Social.** Dispõe sobre a organização da Assistência Social. Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria de estado de Assistência Social. 2 ed. Brasília: MPAS, SEAS, 2001.

BRASIL. **Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993.** Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências.

BRASIL. CFESS nº 273, de 13 de março de 1993. Código de Ética profissional dos Assistentes Sociais.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social.** Ministério do desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: nov. 2004

CAMARGO, Maria Ligia M. Repensando a arte e o lazer na terceira idade. In: **Revista A Terceira Idade.** nº 18. São Paulo: SESC, dezembro 1999, p. 69-74.

COELHO, Maria da Graça. **A participação do Serviço Social nos grupos de idosos.** Florianópolis: IOESC, 1988.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO – CRESS/RJ. Disponível em: < www.cress-rj.org.br >. Acesso em: 16 de julho 2008.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e Curso da Vida. In: **Revista Estudo Feministas.** nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1º semestre 1997, p. 120-128.

FARIA, Regina M. Avaliação de programas sociais – evoluções e tendências. In: Silva e S. da O. M. (org.) **Avaliação de Políticas e programas Sociais teoria e prática.** São Paulo. Ed. Veras, 2001. (Núcleo de pesquisa; 6).

FERRIGNO, José Carlos. O trabalho artístico na Terceira Idade: o canto, a dança, as artes plásticas e o teatro. In: **Revista A Terceira Idade.** nº 15. São Paulo: SESC, dezembro 1998, p. 5-18.

FERRARI, Maria Auxiliadora C. Oficinas de terapia da memória: conhecendo e preservando a memória na terceira idade. In: **Revista A Terceira Idade.** nº 19. São Paulo: SESC, abril 2000, p. 37-44.

FERNANDES, Maria das Graças de Melo. Grupo de Convivência: percepção de homens idosos e condições dificultadoras para a sua inclusão. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 41. São Paulo: SESC, fevereiro 2008, p. 15-27.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GUERRA, Yolanda. O potencial do Ensino teórico-prático no novo currículo: elementos para debate. In: **Revista Katálysis**. v.8 nº 2. Florianópolis: Editora da UFSC, jul/dez. 2005, p. 147-154.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. O trabalho do Assistente Social frente às mudanças do padrão de acumulação e de regulação social. IN: **Capacitação em Serviço Social e Política Social – Crise contemporânea, questão social e Serviço Social**, módulo 01, CFESS/ABEPSS/CEAD/UNB, Brasília, 1999.

KERTZMAN, Olga Facciola. Responsabilidade Social e Envelhecimento. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 33. São Paulo: SESC, junho 2005, p. 22-39.

LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer; ARAÚJO, Rejane Correia de. **Memória SESC Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Sesc - Arrj, 1994.

LEMOS, Daisy Puccini. **O Serviço Social e o projeto Era uma Vez...Atividades Intergeracionais: Uma experiência de estágio no Serviço Social do Comércio – SESC**. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, 2004. Universidade Federal de Santa Catarina.

LIMA, Telma. A intervenção profissional do Serviço Social: propondo o debate sobre ações socioeducativas. In: **Anais IX ENPESS**, 2004.

MEDEIROS, Valéria. **O envelhecimento e a prática de ações coletivas dos grupos de convivência: espaços de construção da cidadania**. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, 2006. Universidade Federal de Santa Catarina.

MILITÃO, Rose e ALBIGENOR. **S.O.S.: dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. In: **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2000; 5(1), p. 7-18.

MIRANDA, Danilo Santos de Miranda. Trinta anos de Trabalho Social com Idosos. In: **Revista A Terceira Idade**. n° 9. São Paulo: SESC, dezembro 1994, p. 05-11.

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento Interpessoal: Treinamento em grupos**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

MOTTA, Alda Britto da. Chegando pra idade. In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de. (Org) **Velhice ou Terceira Idade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 223-234.

_____. Palavras e Convivência – Idosos, hoje. In: **Revista Estudos Feministas**. n° 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1º semestre 1997, p. 129-139.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. In: **ALCEU**. v. 5 n° 9. jul/dez 2004, p. 77-86.

NOGUEIRA, Vera M. R. Avaliação e monitoramento de Políticas e Programas Sociais – revendo conceitos básicos. In: **Revista Katálylis**. n° 2, v. 5. Florianópolis: Editora da UFSC, jul./dez. 2002, p. 141-152.

NORTHEN, Helen. **Serviço Social com grupos**. Tradução de Evangelina Leivas. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

PEREIRA, Potyara A P. "A metamorfose da questão social e a reestruturação das políticas sociais". In: **Capacitação em Serviço Social e política social**. Módulo I, Brasília, 1999, p.47-58.

_____. Formação em Serviço Social, política social e o fenômeno do envelhecimento. Brasília: MEC – SESu/CAPES, 2005.

PEREIRA, Potyara A.P. Questão Social, Serviço Social e Direitos de Cidadania. **Temporalis**, Brasília, ano 2, n. 3, jan-jul 2001, p. 51-61.

POZZO, Oscar Del. Os Grupos de Terceira Idade: Comentários e Reflexões. In: **Revista A Terceira Idade**. n° 22. São Paulo: SESC, julho 2001, p. 21-36.

ROSA, F. G.; GERALDO, M.; AVILA, M. G.B. Qualidade de Vida, Atividade Física e Envelhecimento. In: **Revista A Terceira Idade**. n° 32. São Paulo: SESC, 2005, p. 52-65.

RECH, Ângela. **Do princípio a atualidade: as transformações no trabalho com grupos de idosos no SESC – Florianópolis/SC**. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, 2006. Universidade Federal de Santa Catarina.

REDE LATINO AMERICANA DE GERONTOLOGIA. Disponível em: <www.gerontologia.org>. Acesso em: 20 maio 2008.

RODRIGUES, Ana Valéria; MAGALHÃES, Neide Cordeiro. Resiliência: um enfoque para a promoção de saúde em idosos. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. n° 93. São Paulo: Cortez, março 2008, p. 146-169.

SALGADO, Marcelo Antonio. Os grupos e ação pedagógica do Trabalho Social com Idosos. In: **Revista A Terceira Idade**. n° 39. São Paulo: SESC, junho 2007, p. 67-78.

SANTOS, Andréa T.; SÁ, Maria Auxiliadora A. S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org) **E por falar em boa velhice** 2 ed. Campinas-SP: Papirus, 2003, p. 91-100.

SARMENTO, Hélder B. M. Repensando os Instrumentos em Serviço Social. In: **STOCKINGER**, Silvia da Costa (org). Textos de Teoria e Prática de Serviço Social. V.I, Belém, Ed. Amazônia/ UFPA, 2005, pp. 06-48.

SERRA, Rose. As alterações no mundo do trabalho e repercussões no mercado profissional do Serviço Social. In: **Trabalho e Reprodução: enfoques e abordagens**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 151-175.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SANTA CATARINA. Site institucional. Disponível em <www.sesc-sc.com.br>. Acesso em: 3 de maio 2008.

SILVA, Jair Lourenço da; ALVES, Lourdes Farias; COELHO, Maria Renata Machado. A família em fase última. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira et al. (Org) **Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 123-132.

SILVA, Maria Luisa. Da disciplina a transdisciplinaridade. Disponível em: <<http://br.geocities.com/vicerap/Transdisciplinaridade.html>>. Acesso em: 25 de junho 2008.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA - SBGG. Disponível em: <www.sbgg.org.br>. Acesso em: 5 junho 2008.

SOMMERHALDER, Cínara; NOGUEIRA, Eliete J. As relações entre gerações. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org) **E por falar em boa velhice** 2 ed. Campinas-SP: Papirus, 2003, p. 101-112.

SOUZA, Maria Aparecida C. Esporte para idosos: uma abordagem inclusiva. In: **Revista A Terceira Idade**. nº 33. São Paulo: SESC, junho 2005, p. 7-21.

TATAGIBA, Maria C.; FILÁRTIGA, Virgínia. **Vivendo e aprendendo com grupos: uma metodologia construtiva de dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VIVAN, Mayara Maria de Oliveira. **Educação continuada: possibilidades e descobertas no envelhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, 2007. Universidade Federal de Santa Catarina.

YAZBEK, Maria Carmelita. A Assistência Social na prática profissional: história e perspectivas. **Serviço Social e Sociedade nº 85**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. O Serviço Social como especialização do trabalho coletivo. In: **Capacitação em Serviço Social e política social**. Módulo II, Brasília, 2000, p.88-99.

ANEXO

Entrevista

Sobre o Projeto Viver Bem:

- 1- Como surgiu a idéia do projeto? Foi uma imposição do Departamento Regional? Foi um pedido dos idosos? Foi um estudo de demanda?

A idéia do projeto surgiu de estudos das demandas ao longo dos últimos cinco anos. Ao longo das atividades percebíamos interesses de muitos dos idosos participantes dos grupos por ações diferenciadas. Também tínhamos muitos idosos procurando as atividades e que ao se depararem com as mesmas não se adaptavam.

- 2- O Projeto Viver Bem estimulou a mudança no processo de trabalho? Pode ser considerado como um “divisor de águas” no trabalho desenvolvido com idosos no SESC/Florianópolis?

Com certeza, a implantação do mesmo em 2007 permitiu uma nova reflexão a cerca do trabalho já desenvolvido possibilitando outros olhares para a demanda que estava reprimida ao longo dos anos já citados. Quanto a “divisor de águas” podemos afirmar que os resultados alcançados com as edições realizadas em 2007 superam todos os objetivos iniciais.

O porquê da mudança no trabalho social com idosos do SESC/Florianópolis:

- 3- Quais os motivos que levaram a mudança?

Quando falamos de motivos, pensamos primeiramente em um contexto mais amplo. Qual é a conjuntura de que estamos falando. Assim, temos:

- a) Proposta que não estava mais correspondendo aos principais interesses dos idosos que estão procurando o SESC neste momento ou seja, pessoas que estão entrando na casa dos 60 anos agora. Pessoas com escolaridade maior e vindas de aposentadorias do mundo do trabalho com perfil diferente do que tínhamos senhoras donas de casa em sua grande maioria e com baixa escolaridade;
- b) Idosos em idade avançada e com problemas de saúde não podendo mais vir constantemente para a atividade.

c) Muitas resistências as novas atividades apresentadas, mas por outro lado reclamações de que as atividades na estavam a contento de todos.

4- Quando foi notado que o processo de trabalho precisava de mudanças?

Justamente quando os idosos começaram a trazer insatisfações e questionamentos; quando algumas atividades não estavam interessando aos novos idosos e também diante ao entendimento profissional de que a Política Institucional para o idoso não vinha sendo implementada na sua integridade por conta das muitas resistências pelos idosos.

5- Por que a mudança agora e não antes?

Para a implementação de uma nova proposta são considerados muitos fatores. Neste caso, o que dificultou foi a questão dos recursos humanos, uma profissional e dois estagiários de serviço social a frente de todo o Trabalho com Grupos, envolvendo reuniões, encontros, projeto de socialização, programação municipal para o mês do idoso e ainda participação enquanto conselheira do Conselho Municipal do Idoso de Florianópolis. Aliado a isto, não tínhamos até 2007 previsão orçamentária suficiente para contratação de assessorias para o desenvolvimento de vivências, oficinas e discussões temáticas.

Sobre a mudança no trabalho social com idosos do SESC/Florianópolis:

6- Qual foi o caminho percorrido até se chegar à mudança no trabalho social com idosos do SESC/Florianópolis?

O caminho foi muito longo. O que o caracterizou no meu entendimento foi o empenho profissional em estar mostrando com competência técnica e política a instituição durante esse tempo as necessidades apontadas pelos idosos e como elas vinham sendo trabalhadas. Vejamos o nosso contexto, idosos resistentes e também idosos querendo novidades. Até porque já estavam conosco há muitos anos. O empenho constante na realização de alguns estudos, traduzidos em relatórios para a gerência e coordenação técnica permitiram finalmente se chegar a um Programa de Trabalho elaborado em finais de 2006 com garantias de recursos financeiros para o Projeto Viver Bem a Idade Que Se Tem.

Quanto as demais atribuições do profissional de Serviço Social tivemos algumas alterações permitindo um tempo maior para este projeto. Dentre estas alterações, passamos de Conselheira Titular no Conselho do Idoso a Conselheira Suplente e Integração dos Grupos de Convivência. Passando de dez para cinco, claro com um número maior de participantes do que anteriormente.

7- Como é caracterizada essa mudança? Como ela se mostra? A partir de agora, quais são as metas para o trabalho social com idosos do SESC/Florianópolis?

Está caracterizada na Integração dos Grupos e conseqüentemente na periodicidade dos mesmos e nas atividades atualmente desenvolvidas. Se mostra na boa adesão dos idosos e nos resultados que vem sendo apontados e que se confirmarão ou não na avaliação que será realizada no final do semestre, quando concluiremos o primeiro trimestre da nova proposta.

Quanto as metas estão previstos um número maior de atendimento para a atividade quanto ao previsto para o ano passado. Em se tratando qualitativamente temos metas que visam o engajamento maior destes idosos nas atividades oferecidas e solicitadas pelos mesmos. Culminando com o desenvolvimento de alguns trabalhos artístico culturais para apresentações em mostras, seminários e demais eventos no mês do idoso em setembro ou outubro.

8- Quais os pontos que diferem a nova proposta de trabalho da anterior realizada?

Na proposta anterior os encontros eram quinzenais. Dificultavam um trabalho mais denso, enquanto formação grupal. Espaços de tempo para os encontros muito longos, exigindo um resgate a cada encontro do que vinha sendo trabalhando. Quebrando a continuidade dos processos grupais. As atividades eram programadas de forma que os grupos com suas comissões ficassem mais livres. No entanto este processo pensado enquanto autonomia dos idosos em seus grupos não vinha obtendo os resultados esperados. Pois, ocupam o tempo com atividade não entendidas como proveitosas no âmbito grupal e nem consideradas sócio-educativas, conforme se proponha o Projeto Ético Político do SESC para o idoso.

Atualmente a programação está mais concentrada desenvolvida a partir de quatro eixos estruturantes em encontros semanais e as comissões dos grupos sendo orientadas para trazer naqueles momentos considerados até então pouco aproveitados, outras atividades mais

interessantes e significativas para o processo de criativo e ocupacional com alternativas práticas e educativas, considerando aspectos como exercícios para memória, por exemplo.

9- Como os idosos reagiram a essa mudança? Houve muita resistência? Qual a maior reclamação?

De uma maneira geral avaliamos que a grande maioria dos idosos reagiram positivamente a mudança. As resistências que houveram foram por parte de alguns idosos que já vinham em discordância com a proposta Institucional como um todo. Tivemos dois casos mais significativos: um grupo de casais que não quis se integrar a outro grupo, saindo da instituição e outro grupo praticamente todo desistiu da proposta, alegando que o grupo com o qual se integraria tem um perfil muito diferente do seu.

10- Com essa mudança no processo de trabalho, está havendo realmente um trabalho multidisciplinar? Está havendo apoio/parceria das demais áreas de atuação do SESC/Florianópolis?

Estamos ainda no início, com algumas áreas como a educação para saúde e educação nutricional, temos tido planejamento conjunto de algumas oficinas e discussões temáticas. Existe uma aproximação boa com as demais áreas e isto é um processo, que vem sendo construído aos poucos. No entanto com algumas áreas a parceria ocorre na indicação de contatos de profissionais que podem ser trabalhar alguns temas que vem sendo sugeridos pelos idosos, principalmente na área cultural.

11- Como ficou a nova estrutura do Programa Terceira Idade?

Neste sentido, o “Programa Terceira Idade” em 2008 passa por uma reestruturação de objetivos, fortalecimento de algumas ações desenvolvidas e agrega novas ações a proposta de trabalho para com este seguimento, passando a denominar-se TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS: “Crie um projeto para a vida e seja socialmente ativo sempre, independente das limitações que possa ter!”, considerando especialmente O Projeto Viver Bem a Idade Que Se Tem e as propostas de Trabalho com Grupos, inclusive de outras faixas etárias.

Desta forma os objetivos estão orientados em dois grandes núcleos, bem como as ações pretendidas:

- **NÚCLEO DE VIVÊNCIA:** tem como objetivo trabalhar as relações interpessoais, estimulando e valorizando a participação efetiva do idoso.

Neste núcleo incluem-se:

a) Grupos de Convivência:

Para os idosos o grupo de convivência é um espaço de grande importância, pois neste espaço eles participam socialmente, fazendo amizades, tendo acesso ao lazer, à saúde física e emocional, superando o isolamento social e a solidão.

Atende às necessidades de confraternização, de convívio com pessoas de hábitos e valores semelhantes e diferentes através de várias formas de encontro e atividades sociais, culturais e recreativas. O sentimento de pertencer a um grupo é inerente e imprescindível a todo ser humano.

Metodologia

Os trabalhos com os Grupos de Convivência ocorrem semanalmente no período vespertino de segunda a sextas-feiras dentro dos seguintes horários:

13:30h às 14h – Recepção e Acolhida

14h às 15:30h – Momento de Atualização e Interação: Vivências, Oficinas e Debates

15:30h às 16h – Pausa para o Lanche

16h às 17h – Espaço Aberto: Momento para trocas de experiências, ensinar e aprender, show de talentos, contação de histórias, piadas, poesia e discussão de assuntos de interesse inerente as rotinas do Grupo, como passeios, confraternizações e etc.

b) Grupo Expressão Vital:

O processo de grupo garante um exercício de cidadania aos idosos, incentiva sua autodeterminação e autonomia, como também a troca de informações e orientações importantes para reconstruírem aspectos do seu contexto de vida.

A participação em grupos possibilita mudanças acerca dos conceitos sobre velhice. No processo coletivo, há a possibilidade de se trocar pontos de vista, modificar concepções de mundo, para assim, se construir novos padrões de vida, ademais, permite aos idosos, participantes

destes grupos, resgatar o direito à palavra e à construção de suas próprias idéias, contextualizar-se no tempo e no espaço, e finalmente, vivenciar de forma sólida os requisitos de uma cidadania.

Este trabalho objetiva o desenvolvimento de novas habilidades através de oficinas de criatividade e de outros processos, o idoso tem a oportunidade do desenvolvimento de novas linguagens de expressão nas áreas de música, teatro, dança, artes plásticas e atividades corporais.

Metodologia

Este trabalho ocorre em encontros semanais no período matutino nas quartas e quintas-feiras das 9h às 11h, com desenvolvimento de vivências e oficinas de teatro, dança, artes plásticas e música.

c) Projeto Era Uma Vez...Atividades Intergeracionais

Partindo-se do exercício pleno de sua cidadania, entendendo que esta é composta por direitos, mas também obrigações junto à coletividade. Simultaneamente, como direito e obrigação, temos a função do idoso como educador e a importância do repasse de seus conhecimentos às novas gerações.

Esta ação tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento de atividades pedagógicas e socioculturais nas quais o idoso tem a oportunidade do convívio com outras faixas etárias, ensinando e aprendendo com crianças, adolescentes e adultos mais jovens visando a convivência intergeracional.

Metodologia

Através de encontros semanais com duração de 2h o projeto permite a co-educação, a relação de troca, onde os idosos interagem com todo o seu vigor mental e a criança com seu vigor físico, tão latente na infância. A literatura é o eixo condutor da proposta, sendo a prática de atividades interativas a metodologia central.

d) Projeto Viver Bem a Idade Que Se Tem:

Este projeto aponta para a necessidade da criação de espaços de participação diferenciados para o idoso. Aliado a esta questão destacamos que algumas Unidades já apontam dificuldades com relação à garantia da inclusão de idosos nos grupos, considerando o número elevado de participantes existentes.

Efetiva-se como um projeto integrado, isto é, envolvendo a atuação direta de todas as áreas de atuação do SESC já que tem ampliada sua forma de ação. Antes, realizava-se enquanto Socialização Grupal, ocorrendo somente em Datas Comemorativas e com objetivos mais restritos.

Dentre os objetivos destacam-se:

- Ampliação das oportunidades de participação do idoso;
- Desenvolvimento de uma programação diferenciada e atrativa;
- Maior visibilidade institucional;
- Integração das diferentes áreas de atuação do Sesc.
- Valorização e aproveitamento da cultura e das experiências vivenciais em atividades ocupacionais;

Metodologia

Consiste na realização de encontros mensais, reunindo atividades diferenciadas que proporcionem entretenimento, conhecimento, aprendizado e valorização de potencialidades. Operacionalizados com oficinas, vivências, jogos, debates, exibição de filmes, cursos, apresentações artísticas, etc.

12- A mudança no processo de trabalho está acontecendo como foi idealizada? Se não, o que falta para ser realmente concretizada?

Ainda não, estamos com algumas dificuldades, uma delas refere-se ao trabalho multidisciplinar. Pois, o Projeto Viver Bem a Idade Que Se Tem está estruturado de forma bastante ampla e exige o saber de diferentes disciplinas do conhecimento para ser desenvolvido como deveria. Todos os profissionais do SESC possuem uma gama ampla de atribuições em todas as áreas de atuação. Nesse sentido, falta o envolvimento maior dos demais setores e também a ampliação dos recursos orçamentários previstos.

13- Qual a sua avaliação deste primeiro semestre em que foi colocada em prática a nova proposta de trabalho? O que permanece e o que tem que ser mudado? Quais foram os ganhos e quais as perdas?

Como já relatei a avaliação vai ser realizada nos próximos dias com os idosos. Essa avaliação vai mensurar os resultados e impactos no Trabalho Social com Idosos do SESC Florianópolis. Ela indicará o que deve ser modificado, ou ajustado. Quanto aos principais ganhos podemos adiantar que se referem a maior qualidade da programação desenvolvida e repercussão institucional positiva. As perdas são justamente de uma parcela de inscritos que desistiram do programa.

Sobre o Serviço Social:

14- Por que é o assistente social que atua com os grupos de idosos no SESC e não outro profissional?

É o profissional de Serviço Social pelo entendimento de que a especificidade de sua formação atende aos propósitos institucionais, desenvolvendo sua prática com habilidades consideradas fundamentais na concretização dos objetivos do SESC para com o Trabalho com Grupos.

15- Qual a linha de atuação do Serviço Social no SESC?

Falar de linha de atuação do Serviço Social no SESC é muito subjetivo, ainda mais ao considerarmos que temos somente no Estado de Santa Catarina mais de vinte Assistentes Sociais, formadas em várias Faculdades e Universidades em diferentes momentos. No entanto, posso falar ou hoje pela minha experiência que ora agimos por determinada linha de pensamento, ora por outra ou até mesmos por uma determinada confluência de aspectos de uma ou de outra. Isto ocorre conforme as demandas e situações cotidianas que nos são apresentadas. Mas, defino como norteadora de minha atuação a linha crítico dialética, referenciada principalmente pela Lamamoto. Perpassando por concepções de demais pensadores e educadores, Paulo Freire, Raul de Carvalho e de produções literárias na área do Idoso: Marcelo Salgado, Renato Veras, Guita Debret, dentre outros.

16- Quais os principais empecilhos para a prática profissional da assistente social no SESC?

O SESC é uma Instituição organizada com Missão e Visão bem definidos, existente a mais de 60 anos em todos os Estados da Federação com Unidades em muitos municípios. Percebemos um empenho por parte do corpo diretivo em oferecer condições adequadas de trabalho e que os trabalhos sejam referenciais em todas as áreas de atuação. Atualmente o maior empecilho refere-se ao grande número de Projetos e atribuições desenvolvidos pelo profissional.

17- Qual o papel do Serviço Social frente essa mudança no trabalho social com idosos do SESC/Florianópolis?

O papel do Serviço Social é de fundamental importância, este profissional dispõe de competência teórica e política que vem de encontro às especificidades das demandas apontadas pelo idoso e também porque o Assistente Social vem acompanhado ao longo dos últimos anos todo o processo aqui no SESC Florianópolis. Por tanto, está inserido no contexto da mudança e também dispõe de diagnóstico da realidade, através dos estudos que vem sendo realizados. Subsidiado por estes estudos consegue propor, discutir, mediar e construir com os idosos novas possibilidades de intervenção e conquistas que lhes possibilitem alcance ou acessos aos direitos sociais, além da participação, definição de novos projetos de vida, combate ao isolamento social, valorização social do idoso, nova imagem do envelhecer para a sociedade, enfim qual impacto desse trabalho para os mais jovens de uma sociedade que envelhece.

18- Quais as novas demandas que surgiram para o Serviço Social com a implementação dessa nova proposta de trabalho?

As demandas se resignificam com a implementação da nova proposta a medida que desencadeiam e exigem uma nova postura teórica e política. Outros procedimentos e instrumentais passam a ser incorporados ao processo de trabalho. Este passa a ser mais amplo e dinâmico, permeado por um novo olhar e intencionalidade.

19- Quais os desafios para o Serviço Social a partir de agora, com esta mudança no trabalho social com idosos?

Os desafios estão centrados na manutenção com qualidade da proposta e na efetividade dos ajustes necessários, os quais serão identificados nos encontros de avaliação com os idosos. Falamos de disponibilidade financeira, para assegurar recursos destinados a contratação de assessorias para o desenvolvimento de algumas ações, oficinas, vivências. Outro elemento importante é o respaldo por parte dos idosos, como estão aderindo, quais os resultados que eles apontam. Enfim, não adianta somente termos os recursos institucionais necessários, se os idosos não entenderem ou conceberem quais são os objetivos desta política institucional: Trabalho Social com Idosos – SESC.

20- Esta nova proposta de trabalho está embasada numa ação socioeducativa, qual a relação que você faz entre Serviço Social e ações socioeducativas?

Compreendo ação socioeducativa aquela capaz de oportunizar reflexão a cerca de cada realidade vivida. Ocorrendo através da participação dos indivíduos em diferentes ações, onde dialogam e interagem. Permitindo uma nova condução de suas vidas e outro relacionar-se com seu meio social, familiar, etc. Desta forma, o projeto ético político do Serviço Social tem em seu escopo o caráter educativo ao possibilitar que o ser social busque sua emancipação e empoderamento, enquanto cidadão de direitos.